

Arautos da Morte - Reflexos

Arautos da Morte
Reflexos

Sofia Miranda

Arautos da Morte - Reflexos

Arautos da Morte
Reflexos

Sofia Miranda

Ficha Técnica

Título do livro

Arautos da Morte – Reflexos (Vol.1)

1ª Edição

© 2021-2022 – Sofia Miranda

Todos os direitos reservados.

Autor: Sofia Miranda

ISBN: 9789403668611

Ilustração da capa do livro: Sofia Miranda com o editor de fotos -
PhotoLab

Publicado pela Bookmundo

Este livro, incluindo todas as suas partes, é protegido por Copyright e não pode ser reproduzido, revendido ou transferido sem a permissão da autora.

AVISO

Longe de mim abordar o espiritismo levianamente, no entanto a função de um livro de ficção é o entretenimento e como tal, se existe alguma hipérbole relacionada com o tema, é somente com o único propósito de ilustrar o romance. Para um conhecimento mais profundo e ainda assim limitado em comparação com a vasta sabedoria Universal, aconselho os caros leitores a debruçarem-se sobre o “Livro dos Espíritos” e o “Livro dos Médiuns” de Allan Kardec.

Sofia Miranda

Arautos da Morte - Reflexos

O meu primeiro erro foi não ver os sinais.

Sofia Miranda

Introdução

Finais do século XIX, algures na fronteira do México

O silvo da bala paralisou-o antes de conseguir atingi-lo numa perna. A dor agonizante lançou-o ao chão e o asfalto rasgou-lhe as calças de pano-cru, provocando outros ferimentos. O grito que imitiu ecoou grotescamente num raio de vários quilómetros. As gotas de suor misturavam-se com o sangue que escorria pelo rosto. As forças queriam abandoná-lo, mas ele não podia parar. O maldito lançara-lhe os lacaios como cães famintos e perseguíam-no desde que desembarcara nas Américas. Como conseguira ludibria-lo até lá, ainda não sabia, apesar de ser um homem de várias façanhas era difícil enganar os assassinos encomendados de Lorde Wellington. Mas valera a pena. Deitara-se inúmeras vezes com lady Amelia, a sua esposa. Sentira no seu corpo a suavidade e alvura da sua pele e agora carregava um filbo no bucho. Por mais que ela o afirmasse que era do marido, o facto de o ter apanhado com as calças na mão suscitava algumas dúvidas. Claro que assinara a sua sentença de morte! Mas pior que manchar a honra de uma puritana desonrada era ser acusado do assassinato do Chanceler. Podiam acusa-lo de devasso mas nunca de assassino! Mas Lorde Wellington era um homem astuto e sabia manusear as intrincadas leis e normas governamentais. Ele sim, deveria ser acusado de alta traição com a pátria. Não só, e tinha a certeza ter sido ele, havia encomendado a morte do Chanceler como ainda vendia escravos à revelia do Império. Mas ele agora sabia demais e concordava, havia-se arriscado demais. Não só se deitara com a mulher do miserável, como instigara uma

rebelião e fugira do negreiro junto com os outros escravos. Ainda retinha a esperança que as tropas marítimas da Rainha Vitória o fuzilassem, mas para isso teria de sobreviver e tentar de alguma maneira que as notícias lbes chegassem aos ouvidos assim como a sua inocência.

A besta continuava no seu encaço. Tentou levantar-se e arrastou a perna até onde a dor o permitiu. Outro tiro. A agonia sufocou-o quando o ombro lbe foi atingido. Voltou a cair. Já conseguia sentir o cheiro da morte. Conseguira libertar os amigos, como diziam os quakers da sua terra e por isso almejava alguma misericórdia Divina, mas infelizmente não conseguira travar a serpente venenosa de Wellington. Suplicou aos Céus que uma luz iluminasse a Rainha e visse quem era o verdadeiro traidor. Ouviu mais um tiro e tudo ficou escuro.

Março de 2016 – Lisboa - Portugal

O espelho analisava-lhe metódica e escrupulosamente todo o corpo.

As pernas brancas terminavam numas ancas roliças e igualmente alvas; a barriga, anteriormente lisa, exibia agora uma pequena proeminência – consequência do parto. O seu corpo conhecia bem a maternidade. E o rosto... Esse rosto vulgar, transparente na multidão, ridiculamente confundido com muitos outros, que nada tinha de especial, estava descorado, macilento, expondo um olhar ausente de brilho. Mas o que o espelho desconhecia era quem o arrebatara, quem lhe mutilara a esperança e o amor-próprio e quase lhe destruíra a vontade de viver.

O espelho não sabia que aquele corpo, ali de pé, escrutinado ao pormenor, era simplesmente a ponta de um iceberg.

Capítulo Um

— Idiota! Idiota!

Conrado bateu, violentamente, com as mãos no volante. Sem querer, mudou para a outra faixa de rodagem. Subitamente, uns máximos cegaram-no e o som de uma buzina estridente, insistia em alertá-lo para o perigo. Ignorando o chamamento da morte, virou rapidamente o volante na direcção contrária, escapando da colisão por meros centímetros. Travou bruscamente, quando levou o carro à berma da estrada.

— Raios! – gritou.

Tinha de tirar Adriana da cabeça, principalmente, quando estava a conduzir à noite, sem sequer o poder fazer.

“Como é que eu pude deixar enganar-me novamente? Como? Ordinária! Traidora!”

Tinha trinta e oito anos, já não era nenhum adolescente, e ainda assim, tinha-se rendido, mais uma vez, aquela mulher.

Não podia negar que era uma mulher exuberante, de pele morena, cabelos negros, e umas pernas compridas... Ainda jovem, esses haviam sido fatores de peso para se deixar enganar pela sua ardileza, mas aprendera com ela a não se deixar levar somente pelo físico e a refrear os seus impulsos de modo a pensar somente com a cabeça e com a razão, mas parecia que a idade recusava-se a atingi-la e... Céus, o corpo ainda tremia ao recordar, como se tinha perdido no meio daquelas pernas. Como fora possível deixar-se levar de novo? No passado e na ânsia de

formar a própria família, não demorara em pedi-la em casamento. Mais que o físico, julgara de verdade que estavam apaixonados um pelo outro. Até descobrir que a sua noiva sensual era também fria e calculista. Quando teve oportunidade, traiu-o com o seu primeiro cliente.

Ainda mal tinham feito um ano de noivado – recordou.

Durante esse ano, Conrado começara a dar os primeiros passos por conta própria e a investir na sua própria galeria. Edgar Barbosa, um homem abastado, de poder, um conceituado colecionador, convencera-o a expor as suas obras a título inaugural. Tinha sido ingénuo ao confiar num quase desconhecido, mas ainda não havia cortado o cordão umbilical ao ego e o seu orgulho recusou-se a pedir ajuda a quem já o tinha ajudado toda a vida. Tinha vinte e sete anos, acabava de tirar o seu mestrado em Belas-Artes, preparava-se para fazer o Doutoramento e especializar-se em pintura e desenho, quando decidira dar dois grandes passos; abrir a sua tão desejada galeria e casar-se, mas viu os seus sonhos desaparecerem quando os encontrou na cama. Nem se tinham dado ao trabalho de irem para um hotel. Ali, na sua própria casa, na casa que comprara para ambos, na sua própria cama. Quando o viram, não se mostraram envergonhados. Olharam-no com escárnio, mas não com vergonha.

Conrado baixou o olhar para os nós dos dedos da sua mão direita. Quase que conseguia sentir, novamente, a dor de quando deferiu o golpe na cara do verme. Deixara-o despojado no chão, nu e a sangrar do nariz. Quanto à ordinária da sua noiva, ainda se atrevera a olhá-lo desafiante, porém tremia a cada movimento seu. A vontade de a esbofetear crescera-lhe nas entranhas, cerrou os dentes e levantou a mão, mas logo a seguir baixou-a. Nunca fora de bater em mulheres e ela não ia ser a primeira a transformar o seu carácter. Ignorou-a, virou as costas e saiu.

Logicamente, acabara naquele momento o negócio e o noivado. Vendera a casa e deixara tudo para trás.

Que ingénuo tinha sido!

Percebeu mais tarde as intenções de ambos. Ele queria a sua noiva e ela um homem rico. Apesar de ter crescido e ser educado por uma família abastada, não era um filho legítimo, e ela sabia! A ordinária sabia que

poderia nunca ter qualquer parte na herança dos Aguiar e usou-o para entrar no círculo da alta sociedade. Que ingénuo, que estúpido!

Não os deixaria a rir, era orgulhoso demais para isso. Felizmente, tinha olho e intuição, sabia reconhecer os artistas promissores, e já tinha a ajuda e os conhecimentos necessários para começar de novo e criar a sua primeira exposição. Decidira nesse dia, focar-se nos artistas desconhecidos e promissores, que não o apunhalariam pelas costas e deixar os mais conceituados e colecionadores para outro tipo de eventos. Não foi fácil, mas foi um sucesso! O primeiro artista que lançou, um ceramista da zona de Setúbal, transformara-se pelas suas mãos numa das celebridades no mundo da Arte. E esse foi o primeiro. Não demorou muito para que, também o seu nome crescesse, assim como a sua galeria. Localizada na Grande Lisboa, a *Teles Galeria* era hoje uma das mais prestigiadas do país e era a menina dos seus olhos. Transformara um casarão antigo num lugar magnífico. Mantendo o charme de antigamente, Conrado vestira a mansão com todos os recursos modernos, desde a tinta à iluminação e passando por todos os pormenores conseguiu harmonizar duas épocas transformando-a num espaço arquitetónico agradável, muito solicitado pelos turistas e muito conhecido entre os mecenas e colecionadores que o procuravam em busca do seu conhecimento e de novas tendências. Fazia questão que cada obra tivesse o correto posicionamento, a iluminação mais adequada, o distanciamento certo, de forma a ser devidamente apreciada por cada visitante e para que o artista tivesse o merecido reconhecimento.

Posteriormente, abriu uma sucursal em Cascais para receber obras oriundas de várias partes do mundo, mas aquela galeria era a sua mais que tudo, era prova real de que poderia conquistar tudo a que se propusesse, era a sua marca, a sua conquista a sua primeira e grande vitória depois de ir ao fundo do poço. Em oito anos tornou-se em Conrado Teles, um homem poderoso e bem conhecido naquele meio.

E foi isso, agora tinha a certeza que tinha sido isso que levara Adriana a procurá-lo de novo. Sentira-o na própria pele. O odor do dinheiro sempre fora a sua fragância favorita. No entanto, quanto a mulheres, tornara-se mais cuidadoso e embora tivesse um caso ou outro de vez em quando, começou a conhecer a diferença entre sexo e amor.

Até á data, ainda não conhecera nenhuma mulher que fizesse pensar novamente em família, embora quisesse acreditar que existia uma mulher certa para si. Numa coisa ele tinha a perfeita e completa certeza, não era definitivamente, Adriana.

Mas mesmo assim, conhecendo essa realidade, o imbecil cedera ao seu jogo de sedução. Ela tinha conseguido levá-lo para a cama, depois de muito prometer a si próprio que não se deixaria enganar novamente, e praticamente dez anos depois, caíra na sua teia como uma mosca desorientada. A sua debilidade não ajudara em nada. Tinha de agradecer a Deus, ter-se arrependido a tempo e ter saído daquele lugar logo a seguir, embora soubesse que não devesse conduzir à noite! Admitia que tinha sido uma loucura, mas preferia assumir o risco de ter um acidente, do que ficar mais um segundo junto daquela mulher! Com esforço conseguiu retomar a sua faixa e concentrar-se na condução e voltar para a sua casa em Cascais, em segurança. Esperava esquecer, rapidamente, aquele lamentável episódio.

Março era um bom mês para as flores. Com o equinócio da Primavera vinha o tempo da plantação, do desbaste, do corte, de reparar alguns danos do Inverno. Era o tempo dos rododendros, das tulipas, dos narcisos, de começar a plantar as rosas trepadeiras e até mesmo, plantar algumas perenes.

Os jardins da mansão Aguiar conheciam essa rotina. Pelas mãos de Lázaro resplandeciam gloriosos à volta da propriedade.

Toda a sua vida tinha trabalhado ali e conhecia cada canto, cada flor, cada arbusto daquele lugar. Nenhuma erva daninha se atrevia a enfrentá-lo. Trabalhava duro, mas trabalhava com gosto. As flores eram a sua vida e tinha uns bons patrões, que lhe pagavam bem, reconheciam o seu trabalho e respeitavam-no.

Levantou-se, depois de podar mais um arbusto e contemplou a sua obra-prima. A seguir, fechou os olhos e respirou fundo. Manteve-se assim por escassos segundos, absorvendo o aroma da terra, sentindo as primeiras brisas da Primavera, ouvindo o chilreio dos pássaros que

esvoaçavam em busca de alimento, e tudo isso lhe atingiu diretamente o coração. Contudo, foi quando os abriu que o seu coração transbordou. Sorriu ao vê-la correr na sua direcção. Em sessenta e cinco anos de vida nunca vira flor mais formosa e mais delicada do que a sua menina – a sua *patroinha*.

Filha mais nova do casal, Ana era herdeira de uma imensa fortuna, portadora de uma refinada educação e mesmo assim de vez em quando, era a sua companhia matinal. Tinha de admitir que sentira saudades da sua companhia nos últimos dois anos, quando partira em conhecimento da sua arte e fora estudar no exterior. Desde pequena que o procurava para o ajudar nos jardins, ou talvez para ouvir as suas histórias, o facto era que com vinte e três anos, percebia quase tanto de jardinagem quanto ele.

— Bom-dia, Lázaro! – cumprimentou-o sorridente.

— Bom-dia, menina! Diga-me?, o que é que está aqui a fazer?

Ana arqueou as sobrancelhas, visivelmente, surpresa com a pergunta.

— Venho ajudar-te. Espero que tenhas deixado algo para eu fazer!

— Deixei-lhe algumas tulipas murchas para cortar.

A rapariga afastou-se do homem e dirigiu-se para as flores. Agachou-se, tirou as luvas do bolso de trás de umas velhas calças de ganga que usava para aquele tipo de trabalho, calçou-as e pegou na tesoura de podar. Lázaro juntou-se a ela para a auxiliar na tarefa. Reparou em como trabalhavam bem em equipa. Se não fosse pintora, seria uma excelente jardineira.

— Os seus pais chegam hoje, não vai esperá-los?

Sem desviar a atenção das suas mãos, respondeu-lhe.

— Lázaro, não vou deixar de fazer o que gosto para ir esperar os meus pais! Eles estão sempre a viajar e já aprenderam o caminho de volta. Eu adoro-os, mas convenhamos, eu tenho a minha vida!

— Qualquer jovem no seu lugar, com a sua posição social e o seu dinheiro não estava aqui a ajudar um velho jardineiro.

— Primeiro, tu não és velho, segundo, como já referi, faço o que gosto e por último não sou uma jovem qualquer!

Lázaro, soltou uma gargalhada e cedeu.

— Está certo, tem razão. Quando acabar, iremos tratar dos narcisos.

Admitia que não era mesmo uma jovem qualquer. Gostava de sair com os amigos, viajar, divertir-se como qualquer mulher da sua idade, mas tinha sido criada ali, entre aquela mansão e a casa de Conrado, a brincar nos jardins, a ouvir as histórias de Lázaro e Celeste ou a pintar no atelier do irmão e sentia-se feliz. Devido a uma educação elitista, frequentou as melhores escolas particulares, teve lições de etiqueta, de piano, de violino, de equitação e ainda que sentisse saudades dos cavalos, tudo isso tinha contribuído para ver apenas um lado da vida. Ali, com Lázaro e com as flores, apercebera-se de que a vida era muito mais. Tinha ouvido da boca daquele homem histórias mirabolantes e histórias verdadeiras e ela dedicava-lhes toda a atenção. Sempre fora curiosa e ávida de conhecimento. Ainda hoje adorava ouvir o que aquele homem tinha para contar.

O motorista já os esperava à porta do aeroporto. Félix avistou o Volvo S40 preto ainda dentro do recinto, mas apenas viu Dimas. Era de esperar que Ana não estivesse ali. Estaria com as mãos na terra ou na tinta?

— Porque estás a sorrir? – Camila, a sua mulher, caminhava ao seu lado e apercebera-se do seu olhar distante e do sorriso afectuoso que tinha nos lábios.

— Estava a pensar na Ana. Porque será que ela não está aqui?

Não pôde deixar de rir diante da ironia do marido. Ambos sabiam porquê.

Ainda a rir aproximaram-se do motorista.

— Bom-dia Sr. ... Sra. – Numa pequena reverência, Dimas cumprimentou os patrões. Logo a seguir agarrou as malas e colocou-as no porta-bagagens.

— Bom-dia Dimas! Como está tudo? - perguntou á medida que o homem lhes abria a porta num gesto que era habitual, não apenas por cortesia ou boa-educação, mas também porque o seu trabalho assim o exigia.

— Está tudo bem, Sr..

— Ótimo!

Dimas fechou a porta e entrou para o lugar do condutor.

— Céus, é bom estar de volta!

Camila, num suspiro, olhou pela janela do carro e admirou a vista tentando absorver a sensação de ser portuguesa.

— É bom tê-los de volta!

Aquele comentário, fê-la encontrar o olhar do motorista no espelho retrovisor e sorrir.

— Obrigado, Dimas!

Apesar da sua posição social, Camila orgulhava-se da sua família, incluindo ela própria, ter uma relação cordial com os empregados. Nem todas as famílias eram assim, principalmente, as do seu meio. Arrepiou-se ao lembrar-se de Carlota, esposa de um amigo do marido.

Deus, como é que alguém podia ser tão snob e arrogante? Fazia questão de mostrar o quanto superior era e de salientar as diferenças sociais. “*Minha querida amiga, os empregados são pagos para nos servir, não para ouvirem elogios ou agradecimentos.*” Que mulher mesquinha! Infelizmente, tinha de suportar nas reuniões sociais organizadas pelo marido e receava que a veria brevemente.

Camila voltou-se para o homem sentado ao seu lado e estudou-lhe o rosto. Era um homem de cinquenta e nove anos, um bom marido, um excelente pai e ainda podia afirmar que era um ótimo amante. Corou diante daquele pensamento, mas não o pôde negar. Aquelas duas semanas em Paris tinham sido uma segunda, ou seria terceira? Bom, a verdade é que tinham sido uma nova lua-de-mel. Félix, além de um ótimo amante, tinha um corpo magnífico e era um homem no verdadeiro sentido da palavra, carinhoso, atencioso, humilde, trabalhador e amava a família. E ela, cada vez o amava mais e mais.

— Porque estás a olhar para mim dessa maneira?

— Estava a pensar... o aniversário da Ana é daqui a uma semana e meia. Será que o teu amigo Celso irá fazer parte da lista de convidados? – Podia ter uma relação cordial com os empregados, mas não tinha de partilhar os seus pensamentos mais íntimos diante deles.

— Bom, a Ana é que fará a lista, mas presumo que sim. O Abel é filho dele. Estava na festa de recepção dela e sabes como ficaram amigos. Além do mais seria de bom-tom convidar também o casal.

Félix apercebeu-se do olhar de desdém da esposa.

— Não gostas muito da mulher dele, pois não?

— Digamos que não somos as melhores amigas do mundo!

Félix sorriu e abraçou-a.

— Não te preocupes, a decisão final será da Ana.

Depositou-lhe um beijo na testa e outro nos lábios.

Camila sorriu. A filha sempre mostrara bom senso.

A manhã não estava a ser melhor que a noite. A bebida era, inquestionavelmente, a pior maneira para tentar esquecer. Além de ainda se lembrar do seu lamentável erro, tinha agora a rainha das ressacas como companhia. E desconfiava que as náuseas que sentia não eram apenas provocadas pelas lembranças da ex-noiva, o *Jack Daniels* também tinha a sua quota de responsabilidade.

Atreveu-se a pôr os pés fora da cama, mas assim que tocou o chão, um ribombar de tambores entoaram dentro da cabeça.

— Maldito Whisky!

Quis protestar ainda mais, mas depressa se arrependeu.

Praticamente, se arrastou até à cozinha.

O cheiro do café trespassou-lhe a alma. Quase chorou de emoção.

— Bom-dia, doutor Teles! Ou devo dizer, mau dia?

Conrado olhou para a sua governanta mas não conseguiu responder-lhe. Cuidadosamente, puxou uma cadeira e sentou-se quase ao mesmo tempo que a boa senhora Aurora lhe oferecia uma chávena de café bem forte.

— Presumo que seja mau dia! – disse, vendo o estado degradante em que patrão se encontrava.

Conrado tinha noção que até ser humano de novo, a sua capacidade para falar era praticamente nula. Absorveu o cheiro do néctar dos Deuses

e quase gritou *Aleluia* ao primeiro gole. Saboreou-o, com cada papila gustativa...

— Ligou uma tal de dona Adriana...

Quase se engasgou com o café e o sangue desapareceu-lhe das veias.

— Queria falar consigo, mas achei melhor não o acordar. —
Continuou Aurora.

Teria de se lembrar, mais tarde, de recompensar aquela santa mulher.

— Fez bem. — conseguiu articular.

— Presumi que a garrafa vazia que estava no chão da sala, não deixaria acordá-lo nem que eu quisesse.

Aurora era bastante perspicaz e seis anos ao seu serviço deram-lhe confiança suficiente para não esconder essa faceta. Por vezes era bastante útil, como naquela situação, no entanto havia alturas que a sua perspicácia andava de mãos dadas com o atrevimento.

— Disse que voltaria a ligar... - continuou a mulher.

As náuseas ameaçaram-no novamente, mas com esforço manteve a compostura, o suficiente para se levantar e falar com serenidade.

— Se essa senhora voltar a ligar, diga-lhe que... viajei. — talvez acreditasse e parasse de o procurar.

— Para algum lugar em especial?

Começava a desconfiar que a governanta estava a gostar da situação.

— Para o Cazaquistão! — explodiu. — Qualquer lugar, desde que me deixe em paz!

Aurora olhou por cima do ombro e levantou uma sobrancelha surpreendida com a explosão. Não era hábito o patrão perder a compostura, principalmente por causa de uma mulher. Normalmente era bastante delicado com o sexo feminino e muito educado com toda gente. Mas nem era preciso — pensou - bastava uma palavra ou um olhar seu, para que fizessem o que quisesse, e pelo que conhecia do homem que lhe pagava todos os meses para cuidar da sua casa, até um Imperador se curvaria aos seus pés e não ousaria falar-lhe sem a sua autorização.

Conrado viu a apreensão colada no rosto da mulher mas nem se incomodou em justificar-se. A simples probabilidade de reencontrar Adriana e admitir mais uma vez o seu próprio erro agitava-lhe os nervos.

Levantou-se, virou costas e voltou novamente para o quarto. Sentou-se na beira da cama e colocou a cabeça entre os braços.

O que é que tinha acontecido? Porque é que Adriana o tinha procurado de novo? Lembrava-se que tinha falado de arrependimento, de como lamentava se ter deixado enganar por Barbosa, que na verdade ainda o amava e que tinha sofrido penosamente durante todos aqueles anos.

Seria verdade? Claro que não, idiota! – repreendeu-se mentalmente - Adriana apenas amava duas coisas – ela própria e o dinheiro!

E ele? Ainda a amava? Será que alguma vez a havia amado, realmente? Teria sido apenas a atração física que o iludira? Não! Num determinado momento tinha a certeza de a ter amado. Não pensaria em casar-se com ela, nem com ninguém sem amar. Logicamente aquele corpo tinha tido peso na sua decisão, mas ele também a tinha amado pela pessoa que era, ou pensava que era...

Conrado sobressaltou-se quando o telemóvel, que tinha deixado em cima da mesa-de-cabeceira na noite anterior, começou a tocar.

A alegria inicial pelos seus pensamentos serem interrompidos foi substituída pelo receio de ser novamente a ex-noiva. Raios! Nem se lembrava em que altura lhe tinha facultado os seus contatos! Antes ou depois do sexo? Como é que ela o tinha conseguido convencer?

Apesar da sua hesitação olhou o visor e foi com um grande alívio que constatou de que se tratava de Félix. Um sorriso alargou-se no seu rosto quando agarrou no aparelho e atendeu:

— Félix, meu velho, o que é que é feito de ti?

Uma gargalhada soou no outro lado.

— Receio que essa pergunta tenha de ser feita por mim.

— Tens razão! Tenho estado em falta com a família. – respondeu ao mesmo tempo que esfregava o sobreolho numa tentativa de afastar o nevoeiro que se apoderara da sua mente.

— Nada disso! Fico feliz pelo sucesso que tens tido.

— Devo – o todo a ti! – sorriu.

— Deve-lo apenas ao teu trabalho e talento.

O rosto de Conrado endureceu um pouco com as lembranças do passado.

— Sei muito bem o que fizeste por mim e não o esqueço.

— Como queiras!

— Mas diz-me, a que devo a honra do teu telefonema? – a voz soou novamente alegre.

— Eu e a Camila estamos a chegar a casa, gostarias de nos fazer companhia ao almoço?

— Não vou incomodar?

— Desde quando é que um filho incomoda?, além disso, conheço duas jovens que irão adorar rever-te!

— Duas jovens?!

— A Camila e a Ana!

Conrado soltou uma gargalhada sincera ao ouvir do outro lado da linha os risos ruborizados da sua mãe adotiva. Mas Félix tinha razão. Com cinquenta e oito anos, Camila fazia inveja a muitas mulheres mais jovens.

— Posto dessa forma... Como é que eu posso recusar ver duas lindas mulheres? À uma?

— À uma. – confirmou — Ah, e Conrado... - fez uma pequena pausa - ... tenho novidades. – concluiu.

Conrado levantou um dos cantos da boca num trejeito de satisfação.

— À uma. – desligou.

Durante alguns minutos encontrou-se de olhar perdido e pensativo, ainda com o telemóvel na mão e de sorriso nos lábios. Até a dor de cabeça parecia querer desaparecer.

Félix... Quando pensara que o seu mundo tinha desabado, fora principalmente Félix quem lhe dera a mão, quem o apoiara e quem lhe dera o incentivo inicial para ser quem era, para ter tudo o que tinha. Mais que um pai, ele era seu amigo. Fora devido a Félix e à sua família que o acolhera que se tinha tornado em Conrado Teles. E foram os únicos que acreditaram e o apoiaram quando a catástrofe caiu sobre a sua família de sangue. Quando a sociedade o tomou por um louco demente.

O balcão envidraçado, excessivamente limpo, ilusoriamente sem vidro, exibia nas prateleiras superiores, fileiras de pastelaria variada. Bolas de Berlim, pastéis de nata, mil-folhas, tortas e parras, um sem fim de cor e recheios que aliciavam os transeuntes nas suas paragens pela cidade. Por baixo das prateleiras, bolos coloridos de aniversário competiam a atenção com sobremesas de leite condensado, gelatina e natas, arroz-doce, mousse de chocolate e bolos-pudim de caramelo.

As vozes misturavam-se entre conversas agradáveis, resmungos e pedidos, na rotina diária daquela pastelaria.

Passava um pouco das onze horas quando Aurora, passou a porta do estabelecimento e dirigiu-se, diretamente ao balcão. Ignorou todo o movimento ao seu redor, enquanto esticava o pescoço e procurava com o olhar, a rapariga.

Conheceu-a naquele ambiente, envolta no aroma doce da canela que provinha da divisão adjacente. Naquele dia, ficara curiosa pela sua agradável origem e resolvera investigar. Ficara encantada, não só com as maravilhas que fazia na cozinha mas também com a sua doçura e simpatia. Era mal empregada naquele lugar, pelo que se apercebera não lhe davam o devido valor.

— O que deseja?

A rapariga de cabelo avermelhado e de óculos que lhe fazia a pergunta era a mais petulante. Já a vira a dar ordens a Angelina na ausência da patroa. Uma mulher mal resolvida – pensara depois de analisar durante alguns dias – com a mania das grandezas, que se achava melhor que toda a gente. Ambicionava a gerência da pastelaria, já se tinha apercebido – e uma confidência involuntária de uma funcionária mais inocente tinha-lo confirmado. Quando queria saber algo, nem Sherlock Holmes era páreo para ela.

— Quero falar com a Angelina, por favor!

— Ela não pode atender. – afirmou convictamente, sem confirmar o paradeiro da rapariga.

— E quando é que ela pode atender? – estava decidida a falar com a rapariga, e não era uma mulherzinha arrogante, insolente, malcriada mesmo, que a iria impedir.

— Ela hoje não...

— Angelina, Angelina! – Aurora avistara a rapariga a sair da cozinha e ignorou totalmente a mulher, ao mesmo tempo que a tentava alcançar com a voz e com sinais.

Conseguira chamar-lhe a atenção, apesar do vozear da clientela quase a ter impedido de o fazer. Viu quando lhe sorriu e se aproximou.

— O que é que estás aqui a fazer? Não devias estar na cozinha? – sem qualquer incómodo pela presença da freguesia, Armanda – era o nome da imbecil – não se incomodara em repreender Angelina como se fosse a própria patroa.

“E tu, não devias estar a trabalhar?” – o pensamento cruzou-lhe a mente, mas Angelina evitava sempre qualquer tipo de conflito diante dos clientes – a ética impedia-a de o fazer. E a necessidade do emprego também.

— A dona Mercês pediu-me para te chamar. Precisa de falar contigo. – limitou-se a dizer, sem se alterar ou sequer levantar o tom de voz.

Num resmungo e num rápido olhar de desaprovação às mulheres, deixou-as.

— Ai, filha, não sei como aguentas! – após alguns bolos e conversas, ambas tinham simpatizado uma com a outra.

— Preciso do trabalho, Aurora. Mas diga-me o que a trouxe por cá?

— Os teus bolos, obviamente! E tu. Gosto de conversar contigo.

— Eu também! Mas aqui não é o local mais indicado.- afirmou ao mesmo tempo que olhava em seu redor, receando que a estivessem a observar.

— Eu sei, eu percebo. A que horas é que sais para o almoço?

— Daqui a meia hora. – concluiu depois de um olhar rápido ao relógio fixo na parede atrás de si.

— Queres almoçar comigo?

— Sim, pode ser. A Constança hoje almoça na escola e a mim agrada-me a companhia.

— Então filha, serve-me um café, que eu espero-te naquela mesa do canto.

A campanha soou.

O frenesim da criançada invadiu todo o refeitório da escola com a perspectiva de uma hora de brincadeira após o almoço.

As refeições constituídas por uma sopa, prato e sobremesa, cuidadosamente selecionadas em prol da saúde e bem-estar da população escolar, faziam alegria de uns e a tristeza de outros. Mas a brincadeira chamava, aliciava e a orquestra de talheres ia diminuindo á medida que os pequenos terminavam as refeições e se dirigiam alegres para o pátio exterior.

Constança frequentava o primeiro ano, tinha seis anos - quase sete - dizia com orgulho quando comentavam a sua idade, e adorava brincar com os colegas. Aparentemente esquecera o passado ou no mínimo não lhe dava importância, vivia o presente como qualquer criança, intensamente e sem preocupações. Corria, ria, saltava à corda e brincava á apanhada sem se aperceber que era o passado que não se esquecia dela e que vigiava cada movimento seu, pelo gradeamento do recinto.

— Então Aurora, o que me queria falar? – Angelina, encontrava-se diante da senhora, num pequeno restaurante, um pouco afastado da pastelaria. Deliciava-se com um prato vegetariano onde o macarrão banhava-se deliciosamente em queijo vegetal gratinado, aromatizado com várias ervas que desconfiava que não sairia dali sem saber quais eram. Gostava de cozinhar e misturar sabores como um pintor mistura tintas numa paleta, e fazia-lo bem, tinha a perfeita certeza! Mas de vez em quando era surpreendida por raros paladares que fazia questão de descobrir do que é que eram constituídos, para mais tarde tentar fazer réplicas na sua pequena e acolhedora cozinha.

— Tenho um pedido para te fazer.

A senhora não era vegetariana, mas Angelina regozijou-se ao detetar o brilho de satisfação, enquanto saboreava o prato igual ao seu, que insistiu em pedir, para experimentar e fazer-lhe companhia. Nunca se era tarde demais para perceber o quão horrível era a indústria alimentícia e lutar pelos direitos dos animais.

— O que é? — perguntou depois de ter enfiado na boca mais uma grafada daquele delicioso prato.

— Gostaria que me fizesses um bolo dos teus, de laranja. Para pagar, claro! — apressou-se a dizer, ao recordar as vezes que a amiga lhe oferecera pasteleria caseira.

Angelina mastigou calmamente para saborear o mais tempo possível. Engoliu e bebeu um pouco de água.

— Não precisa pagar. Faça-lhe com todo o gosto. — respondeu ao mesmo tempo que pousava o copo na mesa.

— Agradeço-te filha, mas não é para mim, aliás, mesmo que fosse! É o teu trabalho e fá-lo muito bem, mereces ser recompensada!

— Mas sabe perfeitamente que a si não gosto de cobrar. Além de minha amiga, apresentou-me inúmeros clientes e agora consigo ter um dinheirinho extra para pagar as minhas despesas e fazer um pé-de-meia.

— Se o que fizesses não fosse tão delicioso, garanto-te que não terias metade dos clientes que tens!

Angelina sorriu. Desde que conhecera Aurora, que a sua vida começara a entrar nos eixos. Fora difícil recomeçar. Depois do divórcio e de ter ficado sem praticamente nada, com uma filha para criar, que todo o dinheiro que ganhava como funcionária da pastelaria era para a renda da casa, para as despesas mensais e para a alimentação. Rogava a Deus todos os dias para que a filha não ficasse doente para que não tivesse despesas médicas para pagar. Longe de tudo, sem conhecer ninguém, sentiu-se muitas vezes sozinha, sem apoio, desamparada, mas felizmente Deus Estava por ela e Enviou-lhe aquele Anjo. Tinha-se transformado numa amiga, numa confidente, quase uma fada madrinha e principalmente tinha divulgado pelas redondezas os seus dotes culinários. Devido a isso, Angelina começara a fabricar bolos para fora, longe do conhecimento da patroa e das colegas, claro, nomeadamente Armanda, conseguindo assim, um rendimento extra.

— E para quem é o bolo, se não for indiscrição?

— Não é segredo! Quero comprá-lo para o meu patrão.

— Para o seu patrão?! — Angelina abriu os olhos visivelmente surpreendida. Sabia que o leque dos seus clientes aumentava a cada dia, mas não sabia que já tinha chegado à alta sociedade. Ou que fosse

intenção da amiga que lá chegasse. Não que os seus produtos não o merecessem, mas acreditava que apenas circulava num meio mais humilde. Pelo que sabia de Aurora, o patrão era um homem poderoso e muito rico. Deveria estar habituado a comer as mais raras iguarias e a pastelaria mais fina, nunca pensou que pudesse comer ou aceitasse comer algo tão simples como um bolo caseiro de laranja feito por uma assalariada. — Tem a certeza? Acho que não é boa ideia!

— Porquê? — a mulher mostrou-se ainda mais surpreendida que Angelina. Pousou o garfo no prato e olhou-a com atenção.

— Pelo que a Aurora já me falou do seu patrão, acho que não irá gostar nem aceitar algo tão simples como um bolo caseiro!

— Aí é que tu te enganas! Além de aceitar, ele adora! Quando o levei pela primeira vez, tinha intenção de ser apenas para mim, mas ele sentiu o aroma e quis provar. Acredita, filha, ainda hoje ele pede-me para comprar o teu bolo!

— Tem a certeza? — era difícil de acreditar.

A senhora sorriu e afagou-lhe uma das mãos que Angelina se esquecera em cima da mesa.

— Querida, não deves desvalorizar-te. Tens um dom e devias reconhecê-lo e apreciá-lo. Além do mais,... — continuou, largando-lhe a mão e voltando novamente a atenção para o prato — ... o doutor Teles pode ser rico mas tem bom gosto. Sabe comer bem! — e dito isto, agarrou novamente no garfo cheio de comida e colocou-o na boca.

— E ele pediu especificamente um bolo de laranja? — perguntou, ainda incrédula.

— Ele não pediu nada. — afirmou naturalmente, de bochecha cheia, alheia à estupefação da rapariga — Acordou muito mal humorado e pela garrafa de whisky vazia, acredito que a noite também não tenha sido agradável. — engoliu — Pela forma como dispensou uma mulher, o que não é costume, desconfio que tenha sido o motivo de estar tão azedo de manhã. Pensei que ao levar um dos teus bolos, ele pudesse voltar ao normal.

— E tem a certeza que o meu bolo é o melhor remédio?!

— Tenho a certeza que sim. — conclui fixando-lhe os olhos alegremente.

Angelina deu-se por vencida e sorriu. Fosse para quem fosse o bolo, o importante é que iria ganhar mais algum dinheiro.

— Para quando o quer?

— Se puderes faze-lo ainda hoje, ficar-te-ia imensamente grata.

A rapariga ponderou. Entre a hora de saída, buscar a filha na escola, dar-lhe banho, ajudá-la nos trabalhos da escola... talvez conseguisse arranjar algum tempo enquanto fazia o jantar.

— Pode vir busca-lo por volta da sete?

— Lá estarei!

Conrado obrigou-se a esquecer o lamentável episódio da noite anterior. A conversa com Félix animara-o e duas Aspirinas tinham vencido por fim a dor de cabeça. O café de Aurora e um banho, também contribuíram para ser humano de novo e agora como um homem renascido aproximava-se da casa dos Aguiar.

A fachada da mansão, visivelmente de estilo francês, com janelas em medalhão, crescia sumptuosa à medida que avançava para a entrada da propriedade. Exibia um design clássico e moderno. As paredes de um branco imaculado subiam altivas até um telhado revestido de telhas *shingle* de um tom cinza *aspen* e refletia claramente a personalidade de quem a habitava – pessoas, educadas, honradas, corretas – lembrava-se de mais alguns adjetivos que podia nomear e que correspondiam á verdade, mas o que mais se salientava na sua cabeça era – família. Do ponto de vista estético, poderia ver aquela casa numa tela a óleo, exposta na sua galeria. Na verdade, já sugerira a Félix que o fizesse. Ana era muito talentosa e de certeza que não se importaria de se responsabilizar pela tarefa. Ficara combinado para a primeira exposição profissional de rapariga.

Passou os portões, e uma presença negra, peluda, de quatro patas, aproximou-se do veículo em grande agitação. Com um latido frenético, chamou atenção dos donos da casa.

Conrado parou o carro em frente da entrada. Desligou o motor e saiu. Acabava de fechar a porta quando fora impulsionado para trás por duas das patas negras e poderosas que praticamente o agarraram numa

tentativa de mostrar o seu buliçoso contentamento, abanando energicamente a cauda e tentando lambe-lhe a cara.

— Olá rapaz! Como estás! – cumprimentou, afagando a cabeça e as orelhas de Pirata, o rafeiro da família e amigo de infância da Ana. O nome fora inspirado na mancha negra da pelagem em volta do olhos direito. Tinha-lo resgatado, ferido e faminto, na berma de uma estrada. Felizmente adotaram-no e trataram-no como um membro da família. A sua Fé na Humanidade aumentara quando os conheceu.

— Conrado!!! – Pirata não teve tempo de chegar com a língua á sua bochecha. Com a destreza de um puma, Ana lançou-se nos seus braços fazendo com que se desequilibrasse mas conseguiu evitar a queda.

Ele retribuiu-lhe o abraço e um sorriso. Adorava aquela miúda! Conhecia desde que nascera. Reverenciou-a como irmã e desde então que assumia esse papel na totalidade.

Ainda com um braço enlaçado à sua cintura, encaminhou-a em direção à entrada da casa onde Félix os esperava.

— Devia bater-te! – protestou a rapariga, ao mesmo tempo que simulava que o fazia.

— Porquê?

— Regressei há dois dias e nem sequer vieste ver-me!

Conrado aproximou-a mais de si e depositou-lhe um beijo na têmpora.

—Desculpa! – ciciou ainda com os lábios colados à sua cabeça. O regresso de Ana, após mais um semestre de aulas em Inglaterra, coincidira com o aparecimento de Adriana. A mulher conseguira, mais uma vez arrancá-lo da sua realidade. Esperava nunca mais lhe pôr a vista em cima e retomar a sua vida. — O que é que eu posso fazer para te compensar? – continuou, observando-a com carinho.

Ocorreu-lhe um pensamento e olhou para ele.

— Depois digo-te.

—Dizes-lhe o quê? – Félix conseguiu ouvir a filha quando se aproximaram.

— Estou em falta com ela, aliás, convosco... - começou Conrado, largando a rapariga e apertando a mão do pai de criação.

Com um pequeno impulso, Félix puxou-o e abraçou-o.

— Não estás em falta com ninguém! – respondeu-lhe terminando o abraço com umas palmadinhas nas costas. Depois afastou-o e ainda segurando-lhe os braços, olhou-o nos olhos. — Não deixes que esta menina te diga o contrário. Sabes perfeitamente que ela consegue ser bastante manipuladora quando quer alguma coisa.

— Pai!!! – protestou Ana — Isso é algo que se diga de uma filha?
Ambos riram e Félix largou Conrado.

— Amor, tens de admitir que pareces um cãozinho que não larga o osso, quando metes alguma coisa na cabeça.

— Ser persistente é uma qualidade e não um defeito!
Conrado emitiu uma gargalhada sonora e abraçou-a.

— Ela tem razão! Tem todo o direito de me cobrar.

— Sem falar que se aproxima o meu aniversário. – concluiu a rapariga, saindo dos braços do irmão e entrando em casa seguida por Pirata.

— Ah, o aniversário! – suspirou o pai, cedendo a passagem a Conrado.

— O que foi? Há algum problema com o aniversário da Ana?

— Com o aniversário propriamente, não. O problema são os convidados.

— Não entendo.

— Eu explico! – exclamou Camila, ao entrar no hall de entrada, dirigindo-se a Conrado.

— Camila! – num gesto teatralmente cavalheiresco, Conrado pegou nas mãos da mulher e depositou-lhe um beijo nos nós dos dedos. — Linda como sempre! – exclamou á medida que lhe abria os braços para a observar num todo. Com uma figura alta, esbelta, exibia um corpo esguio coberto com um elegante fato vermelho, ornamentado com um pingente dourado - de ouro - poderia jurar, e que aninhava no seu interior três pequenas granadas de um vermelho muito vivo. O cabelo era do mesmo louro que Ana, mas era curto e ostentava um penteado moderno mas refinado. Num todo, a sua mãe adotiva era uma imagem aprazível e agradável.

— Que amável! – cruzando o seu braço com o dele, encaminhou-o para a sala de estar, seguidos por Félix — O problema meu filho, é que

nem todos são tão amáveis como tu, e receio que tenhamos que suportar algumas figuras que, Valha-nos Deus, deviam reconsiderar a sua educação.

— Estás a falar de quem?

— Dos Vilamoura. — concluiu Félix. — São pais daquele rapaz com que a Ana fez amizade há uns anos atrás.

— O do cavalo? — perguntou Conrado, recordando o episódio em que a égua favorita da rapariga se assustara com alguma coisa enquanto davam um passeio pelo exterior da cavalariça. Tinha-la derrubado se o rapaz em questão não estivesse por perto e não segurasse as rédeas do animal com a força e a perícia de um cavaleiro profissional. Todos eles apanharam um susto tremendo, mas o facto é que desse dia em diante, começaram a encontrar-se frequentemente.

— Parece-me ser um bom rapaz...

— Não digo o contrário — interrompeu-o a mulher — mas a mãe consegue mexer com o meu sistema nervoso!

Com um sorriso divertido, Conrado retirou delicadamente a mão de Camila do seu braço para que se sentasse no sofá *Bridgewater*, revestido de veludo em tons de pastel. Toda a casa exalava elegância e bom gosto dentro do estilo clássico. A sala de estar não era exceção.

— Aceitas um *Xerez*? — Félix dirigiu-se ao minibar e encheu dois cálices do famoso vinho licoroso, espanhol. Serviu um à mulher e levantou o braço com intenções de oferecer um a Conrado.

— Agradeço-te, mas prefiro esperar pelo almoço. — depois do *Jack Daniels*, preferia dar férias ao seu figado por alguns dias.

Félix convidou-o a sentar-se e sentou-se junto da esposa bebericando o cálice de vinho declinado.

— Creio que tenhas razão. Já tive o desprazer de a conhecer e assistir a alguns dos seus impertinentes comentários. — Conrado esboçou um sorriso ao constatar um brilho de satisfação nos olhos da mulher por ele ter concordado com a sua opinião. Camila olhou para o marido e o seu olhar gritou — eu não te disse?

— Confesso que tem uma língua, digamos... afiada — disse reconhecendo o sarcasmo na sua própria voz — mas é mãe de um dos amigos da Ana e ela já concordou em convidá-los. Como bons anfitriões,

é nosso dever recebe-los com cordialidade e respeito e evitar tecer comentários menos agradáveis.

— Palavras que por certo não constam no seu vocabulário!

Conrado percebeu que Camila não estava deveras satisfeita com a presença da mulher no aniversário da filha, mas sabia com toda a certeza de que a suportaria como mãe maravilhosa que era e sempre fora.

— E a viagem?, como correu? – esperava que a mudança de assunto mudasse a atmosfera e se dirigisse para o assunto que lhe interessava.

— Maravilhosa! – exclamou a mulher, que como esperava, alterara o seu humor à velocidade da luz. — Devia agradecer-te por fazeres com que o meu marido andasse atrás de uma mulher. – e chegara onde queria.

—Dito dessa forma, fazes com que pareça um homem vil que desencaminha homens casados e pais de família!

— Meu querido, o único que fizeste foi oferecer-nos duas semanas emocionantes em Paris! Devo confessar que me diverti imenso. Senti-me uma verdadeira personagem de *Agatha Christie*, sem falar da maravilhosa Lua-de-mel!

Conrado não conseguiu evitar uma gargalhada, embora o nó no estômago comesse a apertar com a ansiedade.

— E o que é que o meu caro *Hercule Poirot*, descobriu? – dirigiu-se a Félix, disfarçando a agonia atrás da analogia e de um sorriso.

— De facto, vimos alguém parecido com ela em Paris.

— Parecido? – parecido não era a mesma coisa que igual e poderia não ser ela.

— Muito parecida ao que seria hoje, no entanto foi impossível ter a completa certeza...

— O almoço está servido! – interrompeu Ana que surgiu à porta da sala-de-estar acompanhada pela governanta. — Desta vez a Celeste esmerou-se. Vão adorar o que cozinhou!

— Vês o que faz a tua presença?! Trazes alegria a esta casa! Devias aparecer mais vezes! Desde que te mudaste, que é raro ver-te. – disse Camila à medida que se levantava e pousava o cálice do *Xerez*, praticamente intocável, em cima da mesa de apoio. O marido imitou-a e ambos os homens seguiram-na.

— Tens toda a razão! Lamento imenso! Mas não acredito que seja só por mim! — por mais que tentasse disfarçar por trás da simpatia e de delicadezas, Conrado sentia a garganta a apertar e os batimentos cardíacos a aumentarem e a frustração a conquistar o desespero pela conversa ter sido interrompida.

— Oh, meu filho, garanto-te que é. A Celeste tem uma afeição especial por ti. Sempre teve. — parou junto da governanta e deu-lhe uma palmadinhas carinhosas nas mãos.

— Não diga isso, senhora! Eu gosto de toda a família! Tento mostrar o meu apreço todos os dias e peço perdão se não o estou a conseguir demonstrar!

— Celeste, trabalhas para nós há mais de vinte anos, pensei que já conhecias a tua patroa! — com um sorriso Félix passou pelas mulheres em direção á sala de jantar.

Conrado, que tinha ficado para trás, sorria sem que o sorriso chegasse aos olhos. *Eu gosto de toda a família* — disse Celeste. Havia uma tristeza disfarçada com o prazer de ouvir aquele comentário. Sentia-se parte daquele clã, mas a mágoa de ter perdido as suas origens, perseguia-o.

— Sinto-me lisonjeado! Obrigado Celeste. — deu um beijo na face da governanta o que a fez ruborizar e seguiu os anfitriões.

Mentalmente, Angelina contou quinze colheres de sopa rasas de farinha fina para bolos e quinze colheres de sopa rasas de açúcar para dentro de uma vasilha. Abriu a pequena lata de fermento e juntou à mistura uma colher de sobremesa do pó. Mexeu com a colher de pau enquanto deixava os pensamentos divagarem. Mecanicamente, acrescentou quinze colheres de sopa de óleo vegetal e quinze colheres de sopa de sumo de laranja, previamente exprimido de duas laranjas que uma amiga de Aurora lhe tinha facultado do seu pequeno pomar. Assim como os três ovos. Se ela tivesse um cantinho só para ela, também compraria três ou quatro galinhas poedeiras para ter sempre ovos caseiros. Sempre que podia, comprava-os à dita senhora ou de galinhas

criadas ao ar livre, quando fazia compras no mercado. Evitava de todo consumir alimentos que infligissem sofrimento aos animais. Achava repugnante a dor a que eram sujeitos seres inocentes para que o ser-humano fosse alimentado. Nem sequer se tratava de uma questão de sobrevivência, era o puro e simples prazer da gula. Estaria enganada, ou essa característica do egoísmo do ser-humano fazia parte dos sete pecados mortais? Tinha a sua espiritualidade e acreditava que independentemente das denominações da religião cristã, mais cedo ou mais tarde, todos os tiranos pagariam. Fosse no inferno ou como ela mesmo acreditava, com karma. Também ela sofrera e continuava a sofrer e embora nunca tivesse sido esventrada como um leitãozinho ou mutilada como um bezerrinho, sentira na alma como se o tivesse sido, como se lha tivessem rasgado e arrancado as entranhas, somente por puro prazer, poder ou covardia. Pior, tinha sido o tormento infligido à menina, que vivera com ela toda a situação e pela qual, ela se sentira impotente.

Por pensar nela – já não a ouvia há algum tempo.

Devia ter adormecido no sofá em frente à televisão. Caso contrário estaria a perguntar-lhe *se podia reparar a taça do bolo*. Sorriu. O cansaço deve tê-la vencido. O dia tinha sido bastante cansativo. Entre as aulas normais da componente letiva, ainda tinha tido ginástica pelas Atividades Extra Curriculares e uma aula de ballet que insistiu em frequentar. Mas apesar disso, vivia em paz, longe da angústia, dos gritos e do choro.

Acabou de acrescentar as raspas das laranjas e ligou a batedeira. Nem o barulho do eletrodoméstico parecia tê-la incomodado! Untou a forma com margarina vegetal e polvilhou-a com farinha. Colocou a massa lá dentro e inseriu-a no forno previamente ligado a uma temperatura média. Limpou as mãos ao avental e olhou para o relógio – ainda de ponteiros – suspenso por cima da porta da cozinha. Eram sete horas. A amiga devia estar a chegar. Sacudiu os pensamentos e fez intenções de começar a lavar a loiça. A casa estava silenciosa. Apenas o barulho da televisão ainda se mantinha num volume quase mínimo. Não havia necessidade de gastar eletricidade em vão. Antes de encher com água o lava-loiça, dirigiu-se à sala para a apagar. Como suspeitara, Constança dormia serenamente no sofá. O comando? - Onde é que a pequena teria colocado o comando? – pensou ao mesmo tempo que olhava à sua volta. Subitamente o coração

parou e ficou paralisada. A luz da lua que trespassava os orifícios dos estores da janela desenhava uma silhueta humana. Uma silhueta escura e estática, como se alguém a estivesse a observar. Ficou gelada. Todo o seu sangue desapareceu-lhe das veias e a sua respiração começou a acelerar. O coração disparou e quase lhe saltou pela boca quando subitamente soou o toque da campainha. Desviou a atenção na direção da porta e numa questão de segundos, quando se voltou novamente para a janela, o vulto tinha desaparecido. Tentou controlar a sua respiração. Levou uma mão à garganta como se assim conseguisse abrandar a velocidade com que o ar queria sair dos seus pulmões. Quis andar com a insistência da campainha, mas parecia que as suas pernas tinham entrado em coma. Olhou para a filha. Dormia serenamente sem se aperceber de nada. De repente, como se tivesse sido picada por uma agulha, lançou-se para a janela e fechou todos os orifícios dos estores. Confirmou duas vezes que a janela estava trancada. Não teve coragem para confirmar se as grades de segurança também o estavam, porque tinha-las de a abrir, mas rogava a Deus que estivessem. Fechou os cortinados e ficou parada a olhar para a janela completamente trancada. Teria sido imaginação sua? A campainha voltou a tocar. Conseguiu dar ordem às suas pernas para se moverem, que até ali não se apercebera que tremiam, e chegar junto da porta. O coração saltou mais uma vez com um novo toque.

— Angelina! — chamou uma voz do outro lado da porta.

A voz familiar, instigou-a a normalizar a respiração e a tentar acalmar-se, mas não impediu que a sua mão ainda tremesse quando a abriu.

Aurora começou a falar uma enxurrada de palavras que o seu cérebro não conseguiu processar.

— Angelina? Estás a ouvir-me? O que é que aconteceu? Estás branca que nem cal, rapariga! Parece que viste fantasma!

Não sabia se tinha sido o tom preocupado na voz da senhora ou o toque das suas mãos nas suas ou se fora a palavra *fantasma*, o certo é que olhara-lhe diretamente nos olhos e voltara á realidade.

— O que foi, filha? Estás a deixar-me preocupada! — a palidez fantasmagórica da rapariga alarmou-a. Acabou de entrar em casa e fechou a porta trás de si. — Vem, oferece-me um chá! — como se a casa fosse a

sua própria casa, encaminhou-a para a cozinha onde o aroma do bolo ainda no forno, começava a pairar no ar.

— Talvez fosse isso mesmo, um fantasma! – com movimentos mecânicos, Angelina colocou a chaleira ao lume e depositou duas chávenas, o açucareiro e a caixa do chá em cima da mesa, onde já estavam as colheres e onde a amiga já se tinha instalado.

— Do que é que estás a falar?

— Agora mesmo – sentou-se — quando fui apagar a televisão, pareceu-me ver um vulto, alguma coisa do outro lado da janela, como estivessem a observar-me ou a espreitar para dentro de casa.

— Não me assustes, rapariga! E não foste ver quem era?

— Fiquei petrificada! E logo a seguir a Aurora tocou á campainha e quando olhei de novo já não estava lá. Creio que possa também ter sido imaginação minha. – disse mais para si própria do que para a senhora, depois de ter ponderado durante alguns segundos. Preferia acreditar que tivesse sido uma partida do seu cérebro devido ao cansaço, do que realmente houvesse alguém a espiá-la. Pior, a espiar a menina. Esse pensamento aterrorizou-a.

— Imaginado ou não, já te disse muitas vezes que não é seguro, viveres aqui sozinha com a menina. Devias mudar-te para um local mais povoado. Este bairro é muito isolado.

— E iria viver onde? Pelo menos aqui, eu posso pagar a renda e fica perto do meu trabalho...

— Isso era outra coisa que devias deixar! – interrompeu-a, á medida que se levantava para apagar o lume e retirar a chaleira de cima do fogão. — Aquele lugar não é para ti. Tens muitas capacidades. Ainda és nova, és inteligente... Estás muito mal aproveitada, naquele buraco onde só te tratam mal!

Angelina ficou em silêncio. Sabia que Aurora tinha razão, tanto quanto á casa como ao trabalho. Mas o que é que poderia fazer? Embora não se considerasse tão inteligente quanto a amiga pensasse que fosse, ou tão nova quanto pensasse que era, sabia que tinha capacidades para mais, porém, os seus trinta e cinco anos e o fato de ser mãe sozinha, eram obstáculos para seguir em frente. Havia muita gente que considerava

requisitos para o desemprego e só lhe restava aceitar as oportunidades que aparecessem, por menores que fossem.

Fazendo a vez da anfitriã, Aurora serviu-se de um chá e serviu outro á rapariga. Viu a sua consternação e compadeceu-se.

— Desculpa, filha!

— Tem razão! Eu já tentei, mas ninguém me aceita. Parece que para muitas entidades patronais, trinta e cinco anos e uma filha são sinónimos de invalidez. — sorriu com amargura.

— Eu vou ajudar-te! — garantiu a senhora, bebericando o chá.

Angelina levantou-se para conferir a temperatura do forno.

— Não se incomode mais por minha causa. Já me ajudou bastante e nem sequer tem obrigação de o fazer. — confirmou a cozedura do bolo com um palito e voltou a fechar a porta do forno. — Está quase. — concluiu e voltou a sentar-se.

— Tenho obrigação como amiga! Sabes perfeitamente que gosto muito de ti e da menina e te considero uma filha.

— Eu também gosto muito de si. — sorriu.

— Havemos de encontrar uma solução. — assegurou-lhe Aurora, dando-lhe uma palmadinha afetuosa nas mãos.

Já passava das onze da noite. Conrado viu as horas no visor luminoso do telemóvel e depositou-o em cima da mesa de apoio da sua sala de estar. Passara toda a tarde com a sua família adotiva e depois passara pela galeria. Dentro de pouco tempo apresentaria uma nova coleção e fazia questão que tudo estivesse na sua devida ordem. Mas a sua cabeça não estava lá. Desistiu. Pensou que o ar da noite pudesse acalmar-lhe a mente e apesar dos seus olhos não lhe serem fiéis, vagueou por algumas horas à beira mar, mas a culpa esmurrou-o sem piedade e voltou para casa. Valia-lhe o facto de conhecer aquele caminho de olhos fechados. Despiu o casaco e atirou-o para cima do braço do sofá, depois de acender as luzes. Deixou-se cair pesadamente sobre as almofadas do mesmo e deitou a cabeça para trás. Sentia-se cansado. Emocionalmente cansado. Ficou, ali, a olhar para o teto, perdido em pensamentos. Tinha

albergado esperanças quando Félix reconheceu alguém parecido com ela em Paris. Parecido com o que julgavam que seria depois de tantos anos. Perseguiu-a ao estilo do melhor detetive, em plena viagem de férias com a esposa, para mais uma vez lhe perderem o rasto. Conseguiu uma foto. Pegou no telemóvel e selecionou a *galeria* onde a tinha guardado, depois da lha ter passado por *Bluetooth*. Apoiou os cotovelos nas pernas e fixou o olhar naquela imagem furtiva e fugaz. Disfarçadamente, e vestindo integralmente o papel de turista, Félix procurou o melhor ângulo para tirar uma foto a Camila, de forma a poder apanhar a mulher que observava uma loja de souvenirs. Era morena como ele, de cabelo comprido, alta, elegante, mas não tinha conseguido estudar-lhe as feições. Tinha ficado de perfil. Camila, tivera intenções de saquear-lhe um fio de cabelo – sorriu amargamente – mas a mulher desaparecera antes de qualquer tentativa de aproximação ou de conversa. Apesar da sua desilusão, foi obrigado a concordar com Félix. *Tens uma foto. É mais do que alguma vez tiveste. Não deixa de ser uma boa pista!* – recordou as suas palavras. E se não fosse ela? Estaria a enganar-se e a perseguir uma quimera? Não tinha certeza se conseguiria aguentar mais uma desilusão na sua vida. Levou a mão ao rosto e sentiu a sua cicatriz. Conseguiu sobreviver e erguer-se graças aos Aguiar, e apesar de todo o seu apoio e carinho sentia-se muitas vezes perdido. Um errante na vida sem raízes nem origens. Tentou formar uma família com Adriana e assentar, mas fora traído e desde então, ainda não encontrara nenhuma mulher que o fizesse pensar em seguir os caminhos do matrimónio. Ana dissera-lhe que aquela obsessão não o deixava pensar em mais nada nem ver mais ninguém. Talvez tivesse razão. Talvez o fato de a sua atenção ter ficado, completamente dirigida, em encontrar Gabriela, não o deixasse focar em mais nada. Retirou a mão da cara e passou os dedos sobre aquele rosto desconhecido no visor do aparelho. Paris? Se fosse mesmo ela, o que estaria a fazer em França? O lado positivo é que agora tinha um ponto de referência que reduzia as probabilidades a um país, caso fosse lá a sua residência. E se estivesse de férias, como os seus pais adotivos? Teria de contratar novamente um detetive privado – um novo detetive privado. Quantos já não contratara sem que algum lhe apresentasse resultados fidedignos? A própria polícia desistira há muito. Mas ele não desistiria!

Devias encontrar uma mulher que te amasse de verdade, ter filhos e seguir em frente. Não te aborreças comigo, mas nem sabes se ela está viva, se essa mulher de Paris era mesmo a Gabriela! Tens de viver Conrado! Formar uma família, deixares para trás o teu passado! – dissera-lhe Camila. Como é que podia ficar aborrecido com ela? Não sabia realmente se ela estava viva, mas queria, precisava de acreditar que sim. Fora com essa convicção que se obrigara a levantar todos os dias e a lutar com todas as armas que tinha para viver, para criar aquele património e lhe poder dar o que lhe tinha sido ceifado tão prematuramente. Porém, naquele momento sentia-se cansado.

Voltou a colocar o telemóvel em cima da mesa e praticamente se arrastou até à cozinha enquanto acendia as luzes pelo caminho. Sentia a boca seca, provavelmente devido á ansiedade. Dirigiu-se ao frigorífico, e retirou a garrafa de água fresca. Colocou-a em cima da mesa e foi ao armário buscar um copo. Ainda absorto em pensamentos, tragou alguns fortes goles de água. No entanto, a sua atenção, fora atraída pelo fundo do copo, para algo que estava em cima da mesa. Acabou de beber a água e pôs-o. Levantou a ponta do pano que cuidadosamente cobria algo e um sorriso de pura satisfação decorou-lhe os lábios. Aquele pormenor aliviou-lhe imediatamente a tensão. Retirou completamente o pano e depois de cortar uma generosa fatia do bolo de laranja, deu-lhe uma grande dentada. Respirou profundamente deleitando-se enquanto mastigava. Sentou-se numa das cadeiras que cercavam a sua elegante mesa e continuou a comer com visível satisfação. Devia ter sido a sua fiel governanta, que o comprara. A primeira vez que o vira, pensara que tinha sido a senhora que o confeccionara, e ficou surpreendido, quando lhe garantiu que não, que uma amiga lho oferecera. A Aurora, era uma excelente cozinheira, mas a doçaria e pastelaria fazia questão de comprar por não confiar nas suas habilidades mas quis crer que se tinha aventurado na cozinha. Nunca se importara com esses detalhes nem com as tarefas domésticas, motivo pelo qual a tinha contratado. Preferia não pensar e empenhar-se na sua vida profissional e na sua busca. No entanto, aquele bolo transmitia-lhe um sentimento reconfortante, para não falar do seu doce sabor e leve textura. Enquanto comia, imaginava a mulher que o tinha feito. Uma senhora, provavelmente com uma idade próxima da de Aurora, talvez até mesmo uma avó. Uma avó que fazia

lanches caseiros e deliciosos para os netos que chegavam da escola. Aquele bolo recordava-lhe o que nunca pôde ter e que adorava ter tido, mas que todavia o fazia sonhar. Era o único pormenor da sua vida que ainda o ligava ao desejo de formar uma família. Veio-lhe à memória a manhã daquele dia e em como tinha sido desagradável para com a senhora. Adriana tirava-o do sério. Desculpar-se-ia logo de manhã.

Capítulo Dois

México – Finais do século XIX

Um cheiro invadiu-lhe as narinas. Era comida ou era uma alucinação, Logan não sabia. Ouviu vozes mas não conseguiu identificar nenhuma. Sentiu a boca seca e arenosa e tentou pedir água, mas para sua desgraça percebeu mortificado que mal se conseguia mexer. Tentou abrir os olhos e imagens difusas surgiram à sua frente. Uma imagem imprecisa apresentou-se à frente da sua mente consciente e falou qualquer coisa que ele não entendeu. Logo a seguir sentiu algo nos seus lábios. Um líquido frio embateu no calor da sua boca mas o sabor amargo fê-lo repeli-lo e cerra-los. Umhas mãos acompanhadas por mais palavras imperfectíveis insistiram. Agarraram-no pela nuca e voltou a sentir o frio nos seus lábios, no entanto, já não tinha forças para voltar a fechar a boca ou para cuspir aquele veneno asqueroso que tentavam empurrar pela sua garganta. Acabou por engoli-lo e voltou à escuridão

Cascais – Março de 2016

“Cascais, uma vez e nunca mais” – Dizia o povo devido aos maus acessos, em meados do século XIX, porém, hoje em dia é um dos destinos mais procurados e apreciados pelos estrangeiros. Uma sofisticada vila piscatória, com praias de areia branca e atmosfera amena, onde lojas e monumentos decoram as ruas da baía, onde casas de esplendoroso encanto avivam desejos, onde os espíritos ainda contam as suas histórias e se fazem ouvir no sussurrar da noite e adormecem aos primeiros raios do sol madrugador.

O telemóvel soou. Insistentemente, continuou a tocar.

Conrado, esticou o braço para fora dos lençóis. Que horas seriam? Agarrou o relógio de pulso em cima da mesa de cabeceira. Oito e meia? Por hábito era madrugador, mas que raios, era sábado! Um homem não pode dormir mais um bocado, nem ao sábado? Levantou o tronco e apoiou-o num braço, enquanto agarrava o telemóvel. Adriana?! Mas porque demónios, tinha gravado o número daquela mulher? Devia estar completamente demente, senil, ausente das suas capacidades mentais, para o ter feito. Se é que o tinha feito! Conhecendo Adriana, como conhecia, era bem capaz de ter sido ela própria a gravar o número no seu telemóvel. Voltou a colocar o aparelho em cima da mesa-de-cabeceira e deixou-o tocar sem fazer qualquer intenção de atender. Voltou a deitar-se e passou as mãos por entre os grossos fios da sua forte e negra cabeleira. Se tomara essa atitude – que começava a crer que sim - continuava burra. Não pensou que a poderia bloquear? Que era o que fazia logo a seguir. Ou julgava-se tão irresistível que pensou que ele iria atender qualquer um dos seus telefonemas? Pensara ter-lhe deixado bem claro que o que acontecera entre os dois naquela noite, tinha sido um erro e que não se voltaria a repetir, mas já devia suspeitar que ela não o aceitaria assim tão facilmente. Parou de tocar. Teria de o bloquear antes da próxima tentativa, o que não demorou nem dois segundos a acontecer. Deixou o aparelho a tocar e levantou-se. Haveria de haver um momento em que desistiria. Talvez, assim começasse a ter consciência que falara a sério quando lhe garantiu que nunca mais queria lhe pôr a vista em cima.

Tomou um rápido duche e apenas de calças de fato de treino e t-shirt, dirigiu-se à cozinha onde Aurora já preparava o café. Soube quando sentiu o seu agradável aroma a conquistar o espaço.

— Bom dia! – cumprimentou-a à medida que se sentava numa das cadeiras em frente à mesa.

— Bom dia, doutor Teles! – retribuiu o cumprimento com a mesma naturalidade de sempre enquanto colocava uma chávena de café á sua frente.

Conrado não notou qualquer nota de desdém na sua voz, pelo contrário, parecia a mesma senhora Aurora, calma e eficiente, que conhecia, no entanto não descartava a hipótese de ainda ouvir um comentário mordaz.

— Obrigado pelo bolo! – começou, dirigindo o olhar ao prato que ainda se encontrava em cima da mesa — Está muito bom!

— Eu sei. Tudo o que essa minha amiga faz, é muito bom.

Pelo bolo, ele desconfiava que sim.

— Oiça, Aurora! Eu queria desculpar-me pelo meu comportamento de ontem. Não queria ter sido rude consigo, mas tive uma noite horrível e aquela mulher... - calou-se. Não encontrava palavras que descrevessem e ao mesmo tempo que ocultassem o que Adriana lhe fazia sentir. Tinha Aurora em grande consideração e ela conhecia grande parte da sua vida pessoal mas apenas comentava com ela o que achava estritamente necessário em relação à sua vida amorosa.

— Eu compreendo. Não se preocupe. Existem pessoas que nos tiram do sério! – respondeu enquanto continuava com os seus afazeres domésticos.

Como desconfiava, nem era preciso dizer-lhe mais nada. Era uma senhora muito perspicaz, a não ser que também se estivesse a referir a ele... vindo de Aurora, era bem capaz de haver uma ponta de sarcasmo entre linhas, mas preferiu acreditar que estava a ser sincera e que o compreendia.

— É disso que eu gosto em si. Para bom entendedor meia palavra basta, não é o que se diz? – sorriu.

— Sim. E eu posso dizer que já o conheço há tempo suficiente para saber que a falta de educação não faz parte da sua natureza, por isso não se preocupe. Todos nós temos dias melhores que outros.

— Garanto-lhe que o meu dia de ontem não foi dos melhores! — disse enquanto tragava mais um gole de café e comia uma fatia de bolo quase de uma só dentada. — Mais uma vez desculpe. Tentarei que não volte a acontecer. — garantiu quando acabou de engolir.

Subitamente surgiu um pensamento a Aurora, pelo que ela parou de mexer em alguma coisa no lava-loiça e virou-se de forma a ficar de frente para Conrado.

— Doutor Teles!

— Diga.

— Por acaso, o doutor não precisa de uma assistente?

Conrado parou de comer e olhou para a sua governanta um pouco desorientado.

— Uma assistente?

— Sim. Uma assistente ou uma ajudante ou que é que lá se chama às senhoras que trabalham consigo, lá nas suas galerias?

— Qual a razão dessa pergunta?

— Tenho uma amiga que precisa urgentemente de mudar de emprego.

— Vejo que tem muitas amigas! — comentou ao olhar para o resto da fatia que tinha na mão.

— Por acaso é a mesma amiga que fez esse bolo!

— Ah, sim! E porque é que ela precisa de mudar de emprego?

Sem qualquer cerimónia, Aurora sentou-se na cadeira oposta à do patrão, o que fez Conrado levantar uma sobrancelha surpreendido tanto pela atitude como pelo semblante sério com que o olhava.

— Digamos que ela não é valorizada no lugar onde trabalha e tem muitas potencialidades.

— E o que é que ela faz?

— Neste momento está a trabalhar como empregada de balcão numa pastelaria, mas porque não conseguiu encontrar mais nada! — apressou-se a dizer antes que o patrão tirasse conclusões precipitadas.

Se tinha uma idade aproximada da de Aurora, seria realmente um pouco difícil, encontrar quem lhe desse emprego – pensou Conrado.

— Lamento Aurora, mas creio que não posso ajuda-la. Neste momento não tenho vagas em nenhuma das galerias. E mesmo que tivesse, era necessário a sua amiga ter uma licenciatura em Artes. E suponho... que não seja assim, não é? – praticamente se arrependeu do que dissera ao ver a desilusão estampada no rosto da senhora.

— Não. Ela não tem nenhuma licenciatura. - confirmou desiludida.
—Agradeço-lhe na mesma.

Viu quando se levantou lentamente, e voltou a fazer o que quer que fosse no lava-loiça. Lamentou realmente não poder ajudá-la. Já se comportara estupidamente no dia anterior e apesar de ser apenas uma empregada, como muitos classistas gostavam de salientar, para ele, era o mais perto que tinha de uma avó ou de uma terceira mãe. Terminou de comer e quando se preparava para sair da cozinha, pensando que estava conformada e que o assunto morreria ali, a senhora surpreendeu-o.

— E se eu me reformasse?

— O quê??? – aquela pergunta esmurrou-o de tal forma que ficou sem reação.

— E se eu me reformasse? Poderia dar-lhe o meu lugar?

— Está a falar a sério?

—Desde quando o que eu falo não é a sério? – a pergunta acompanhou uma mão obstinada na anca.

Tinha de admitir, até os seus sarcasmos eram sempre sérios.

— Calma, não nos vamos precipitar! Já lhe pedi desculpa pelo que aconteceu...

— Ai doutor Teles, acha que eu sou assim tão rancorosa? Parece que não me conhece! – ainda de mão na anca a mulher olhava-o com total surpresa.

— Então é mesmo pela sua amiga? Ela é assim tão importante para si? – devia ser mesmo importante para chegar ao extremo de ceder o próprio emprego em prol da outra mulher.

— Sim, doutor Teles. Ela é mesmo muito importante para mim. – baixou a mão e apertou a ponta do avental —Eu gosto muito dela e prometi-lhe que a ajudaria. Embora ela não mo tenha pedido, eu quero

mesmo ajuda-la. Ela precisa, definitivamente de sair daquele lugar, com urgência. O lugar não é bom, o ordenado muito menos, e aqui ela estaria mais resguardada. Seria mais bem tratada e ganhava melhor.

— Vamos fazer assim – esperava não se vir a arrepender — traga a sua amiga, eu entrevisto-a e tentaremos encontrar a melhor solução, não precisa de tomar nenhuma atitude impensada. – não havia problema algum em conhece-la e conversar com ela, pelo menos dar-lhe-ia tempo para pensar em algo que não obrigasse Aurora a despedir-se ou pelo menos poder ficar até atingir a idade limite da reforma.

— Na realidade, não é totalmente impensada. A idade já me começa a pesar nos ossos! Por mais que goste de si e de trabalhar para si, é bom começar a pensar em encontrar alguém para me substituir.

Conrado sabia que ela tinha razão, por mais que não quisesse admitir, por mais que estivesse acostumado à sua presença e que prezasse a sua companhia, sabia que dali a alguns anos o inevitável aconteceria, só não esperava ser apanhado de surpresa tão abruptamente.

— E porque é que pensa que a sua amiga a poderá substituir? – a idade também deveria pesar para a outra senhora, ou estaria enganado? Mesmo que fosse apenas poucos anos mais nova.

— Ela é esforçada, inteligente, leal e o mais importante, precisa mesmo de sair de onde está. Ela precisa mesmo de ganhar mais, para não falar da possibilidade de uma víbora de uma colega ser a próxima patroa. Nem quero pensar o que poderá fazer à coitada!

Ficava feliz por o ter em tão alta consideração. Talvez pudesse encontrar algo para a senhora fazer sem prescindir totalmente dos serviços de Aurora. Sabia que um dia teria de a deixar ir, embora o seu egoísmo não permitisse ver esse dia tão perto. Tinha intenções de especular um pouco mais antes de conhecer a sua amiga, mas o toque do telefone recordou-o que ainda não tinha bloqueado o número de Adriana.

— Muito bem. Acha que ela pode vir aqui ainda hoje?

Agradou-o ver o largo sorriso que lhe lançou.

— Claro que sim. Mesmo que ela diga que não pode, eu arrasto-a até cá.

— Vou ter mesmo que atender, Aurora... — disse apontando para o interior da casa — ...antes que fique louco. — ao mesmo tempo, tentava afastar-se — Então traga-a!

— Doutor Teles — chamou antes que ele saísse da cozinha — Obrigado! — obteve como resposta um sorriso e viu-o desaparecer.

Aurora praticamente voou até Lisboa, ou melhor, insistiu para o motorista do táxi voar e sensivelmente quarenta minutos depois, já se encontrava em frente á casa de Angelina. Por algum motivo que fugia à sua compreensão, a patroa deixara-a folgar aos fins-de-semana, por não ter com quem ficasse com a menina, já que a sua cabeça era constantemente entupida por comentários maldosos por parte daquela fulaninha que também lá trabalhava. Havia rumor, que seria a próxima gerente. Deus a livrasse de estar lá a trabalhar quando isso acontecesse! Faria da vida dela um verdadeiro inferno. A rapariga morava num rés-do-chão de um prédio de paredes amarelas que já tinham visto melhores dias, inserido num bairro nos arredores de Lisboa, onde várias comunidades étnicas interagiam. Fora um ou outro conflito, não era um bairro problemático e havia a vantagem da interculturalidade, no entanto, Angelina vivia sozinha com uma menina de sete anos e esse era um fator que merecia alguma atenção, independentemente onde vivesse. Havia tarados em todo o lado e depois dos acontecimentos do dia anterior, Aurora pensou que era melhor sair dali o quanto antes. Não só tentaria que mudasse de emprego, como teceu a fantasia de que o patrão também lhe pudesse ajudar quanto á residência. Aliás, já tinha tudo planeado. E que sitio melhor para viver, senão perto de Conrado? Sempre era um homem, o que diminuía as probabilidades de ser assaltada ou na pior das hipóteses, de ser atacada. Para não falar da comodidade. Não seria muito prático, ir e vir todos os dias para Cascais.

— Aurora?! — Angelina mostrou-se surpreendida quando abriu a porta e viu quem tinha tocado á campainha às nove e tal da manhã. — O que faz aqui tão cedo? Aconteceu alguma coisa?

— Tenho novidades para ti!

Num gesto, convidou-a a entrar.

— Já tomou o pequeno-almoço? — perguntou-lhe enquanto se dirigia para a cozinha, seguida da mulher.

— Alguma coisa, sim — não queria falar do seu chá de hortelã e das torradas que tomara às sete e um quarto, antes de preparar o pequeno-almoço do patrão. Sabia que Angelina reprovava — o pequeno-almoço é a refeição mais importante do dia — imaginava-a a alegar. E não é que não tivesse razão, mas aquela hora da manhã não lhe apetecia comer muito. Vingava-se a meio da manhã, o que desconfiava que era o que iria fazer, no momento em que viu a mesa da cozinha de Angelina apetrechada com todos os requisitos para uma boa refeição. O pão fumegava — devia-lo ter acabado de tirar do forno, biscoitos de coco, enchiam uma lata de cores vivas, a manteiga de soja, que tanto gostava de usar, chá e leite de amêndoa, também faziam parte da indumentária daquela mesa. Não resistiu nem se fez de rogada.

— Mas aceito outro.

Angelina sorriu e convidou-a a sentar-se.

— A menina?

— Ainda está dormir. — respondeu-lhe á medida que cortava uma fatia do pão.

Aurora, serviu-se de uma delas e barrou-a. Já se acostumara com o regime alimentar da rapariga e não lhe desagradava em nada. Pelo contrário, aos sessenta e dois anos e gradualmente, começara a mudar os seus hábitos alimentares. Os animais agradeciam e o seu organismo também.

— Então o que é que tinha para me dizer? — perguntou Angelina, acabando lhe servir um chá e sentando-se à sua frente.

— Tinha, não, tenho. Assim que terminarmos de comer, vamos acordar a menina, dar-lhe o pequeno-almoço, vesti-la e vamos sair.

— Porquê? Onde vamos? — perguntou-lhe á medida que levava aos lábios a chávena de leite quente.

— Vais a uma entrevista com o meu patrão.

Aquela afirmação, socou-a tão repentinamente que o leite entrara-lhe pela boca e saíra-lhe pelo nariz. Aflita, tossiu umas poucas vezes. Aurora,

apressou-se em dar-lhe um guardanapo ao qual ela se limpou rapidamente.

— Estás melhor? – perguntou a senhora quando a viu a respirar fundo.

— Pode repetir o que me acabou de dizer, por favor?

— Vais a uma entrevista de emprego com o meu patrão. Já tratei de tudo.

— Já tratou de tudo?! – perguntou-lhe totalmente incrédula e confusa. Pousou a caneca na mesa, que despercebidamente ainda segurava, e encarou a senhora. — Por Deus, Aurora, do que é que está a falar? – parte do seu cérebro entrara em ebulição e recusava-se a ser congruente.

— Bom – começou, colocando cuidadosamente e com muita pena, o pão que lhe estava a saber tão bem, em cima do prato e cruzou os dedos debaixo do queixo. — depois do dia de ontem, eu estive a pensar e cheguei á conclusão que já está na hora de me reformar...

— O q...

— Deixa-me terminar! – interrompeu-a — Eu tenho sessenta e dois anos, Angelina! Já o devia ter feito há já algum tempo, mas gosto do doutor Teles. Apesar de querer aparentar ser um homem forte, que suporta tudo, ele é um homem solitário e um pouco triste, atrevo-me a dizer. – pousou as mãos na mesa, suprimindo a vontade de beliscar a fatia do pão — Foi por ele que não pedi a reforma mais cedo. Hoje de manhã quando toquei no assunto, mostrou-se um pouco – hesitou — renitente, mas ele tem de encarar a realidade e aceitar que não quero passar o resto da minha velhice a trabalhar! Ainda lhe perguntei se precisava de uma assistente lá nas galerias dele, mas disse-me que não tem vagas nenhuma. – antes que Angelina pudesse responder, ela continuou a falar — E depois pensei, e porque não? Porque é que a Angelina não fica com o meu lugar? Pelo menos até encontrares outra coisa melhor. Assim mudarias de trabalho, de salário e o mais importante, de residência.

— Agradeço-lhe muito o que está a fazer por mim, mas Aurora, não posso mudar de vida, assim tão radicalmente! – disse, finalmente, mais calma depois do choque inicial.

— Porquê? O que é que te impede? E ontem?, não ficaste, completamente assustada com o que viste na janela? Para não falar, da tua coleguinha Armanda, que segundo consta será a próxima gerente. Tu mesma mo disseste! Deus te livre disso acontecer e ainda lá estares trabalhar!

Angelina lembrava-se dessa conversa. Armanda não escondia de ninguém essa possibilidade. Era muito próxima da dona Mercês, a atual gerente, e passava os dias a bajula-la, algo que a patroa adorava. Se ela fosse a nova gerente, o que tudo indicava que seria, a sua vida transformar-se-ia num inferno. Nunca soube ao certo o porquê de tanta animosidade por parte da colega, não se lembrava de nenhum conflito nem de nenhuma razão. As outras apenas diziam que ela era assim, que fazia parte da sua personalidade, que não gostava de ver ninguém feliz porque não era feliz. Passado algum tempo de lá trabalhar, desistira de entender e acostumou-se. Apenas teria de ter cuidado com o que fazia e com o que falava. Ela era muito capaz de destorcer as palavras dos outros em seu benefício.

— Posto dessa forma...

— E pensa na menina – interrompeu-a, acreditando que a hesitação que começava a demonstrar era um bom sinal, e não lhe queria dar hipóteses de recusar. — não seria bom para ela, mudar de ambiente? Não que eu tenha nada contra o sítio onde tu vives, mas vai ser bom mudar de ares. Ai filha, tenho que confessar que fiquei bastante apreensiva, para não dizer assustada com a possibilidade de vos acontecer alguma coisa.

Angelina foi a obrigada lançar-lhe um sorriso mais por simpatia do que por vontade. Poderia perdoar-lhe o facto de não a ter informado previamente das suas intenções, perante aquela preocupação tão exagerada. Não se lembrava de há quanto tempo alguém se preocupava assim com ela. Talvez os pais, quando era criança mas a partir de uma certa idade, nem os progenitores demonstraram tanto cuidado. Deu-se por vencida. Ao ver tanta determinação nos olhos da senhora, sabia de antemão que argumentasse o que argumentasse não conseguiria demove-la. Pelo menos iria à entrevista. O que é que teria a perder? Não queria dizer que fosse aceite. E se fosse? Também teria de ponderar essa hipótese. Pelo que conhecia das funções de Aurora sabia que tinha de

governar uma casa, desde a comida às limpezas. Para ela isso não era novidade. Sempre o fizera, principalmente durante os seus dez anos de casada. Fora mais uma empregada para Fernando do que propriamente uma esposa e nem sequer era remunerada por isso. O patrão de Aurora estava quase sempre fora, ficaria a maior parte do tempo sozinha, e quando estava era bastante reservado. Talvez pudesse resultar. Se fosse aceite, claro! E se não lhe agradasse, poderia sempre recusar a oferta. Pelo menos deixaria a amiga feliz.

— Mas eu não posso ir e vir para Cascais todos os dias, caso seja assim como diz!

Aurora sorriu triunfante.

— Também já tratei disso. — concluiu, pegando novamente na fatia de pão e dando-lhe uma dentada prazerosa.

México – Finais do século XIX

Acordou sobressaltado. Por instantes olhou para o entrelaçado de vigas que cobria o teto sem saber se estava morto ou vivo. Olhou á sua volta e não reconheceu nada. As paredes de pedra deixavam ver os buracos feitos pelo tempo. Desconfiava que as tapeçarias penduradas serviam para tapar alguns deles. Trapos coloridos cobriam a única janela que conseguia ver naquela posição. Parecia estar deitado numa cama de ferro feita com lençóis brancos e mantas avermelhadas. Tentou levantar-se mas uma dor aguda percorreu-lhe todo o corpo. Voltou a deixar cair a cabeça no travesseiro e um trapo húmido caiu-lhe da testa para o nariz. Agarrou-o e atirou-o para o chão. Ainda estava vivo, concluiu. Olhou para si e viu que tinha o braço coberto por andrajos desde o ombro. A perna também. Mas onde estaria? De repente lembrou-se da besta e o terror apertou-lhe a garganta. Estivesse onde estivesse, teria de sair dali antes que fosse encontrado. Não poderia imaginar o que lhe faria agora. Ainda sentia os grilhões no pescoço. As marcas estavam lá, nos pulsos e nos tornozelos, com a cor do sangue. Não poderia permitir ser arrastado de novo. De certeza que não o levaria novamente para o negreiro, decerto seria vítima de uma tortura macabra antes do ato final da misericórdia. Ali mesmo. Fez um esforço para suportar a dor e tentou colocar os pés no chão. Oh, mas a dor era impiedosa! Assim que um dos pés tocou na pedra fria, uma corrente violenta percorreu-lhe o corpo e um gemido saltou-lhe da garganta.

— No, no, no... - Logan virou-se de repente para a voz que entrava pela porta. Ficou quieto, muito quieto, enquanto a mulher de cabelos escuros e vestes invulgares e garridas, se aproximava. — No, señor! Usted no puede levantarse. Está muy herido! (Não, senhor! Não pode levantar-se. Está muito ferido).

Logan não entendeu uma única palavra, mas o seu silêncio fora provocado mais pela beleza do seu rosto, pelos contornos do seu corpo, pela doçura do seu olhar e pela formosura da sua boca, do que pela sua desorientação. Onde diabos estava?, e quem era aquela mulher? Ela pegou-lhe nos pés com tanto zelo para voltar a coloca-los em cima da cama, que se deixou levar como se estivesse à mercê de um poderoso sortilégio, sem poder desviar-se daqueles olhos. Era a mulher mais bonita que alguma vez já vira! Não se vestia, nem se movimentava como as mulheres vitorianas, com o prezado requinte e as mesuras de senhoras talhadas desde o nascimento para servir o homem e a sociedade. Não conhecia aquela estranha nem percebia o que ela falava, mas parecia-lhe que de submissa não tinha nada. Pôde comprova-lo quando o deitou e voltou a colocar o trapo húmido na sua testa.

— Todavía tiene fiebre... (Ainda está com febre...)

Percebeu que falava mais para ela própria do que para ele. Mas o que é que estaria a dizer? De repente lembrou-se novamente do cão sarnoso que o perseguia. Se o encontrasse, encontraria a ela. Teria de sair dali o mais rapidamente possível! Voltou a tentar sair, mas as mãos dela voltaram a empurra-lo e a deita-lo na cama.

— Forgive me, milady, but you do not understand. I must leave! - (Perdoe-me minha senhora, mas não está a entender. Eu tenho de me ir embora!)

Viu a mulher sair. Mas antes que conseguisse mover um músculo, ela voltou a entrar, mas desta vez com uma carabina na mão.

— Bloody hell!!! - (C'um raio!!!) - O susto que apanhou foi de tal ordem que se esqueceu das dores e trepou pela cama acima.

— No se preocupe. ¡Lo maté! - (Não se preocupe. Eu matei-o!) - disse com um sorriso na cara e um orgulho na postura enquanto batia com o cabo da arma no chão. Ela não entendia as palavras, mas entendia o medo.

Não percebera o que dissera, mas pelo júbilo do seu rosto entendeu que não se tratava de uma ameaça... ou estaria engando? Definitivamente, não possuía nada das damas puritanas da sua terra.

A casa era enorme. Em todos os seus trinta e cinco anos, nunca vira uma casa como aquela, nem na televisão. Ficara encantada durante o trajeto. Ao entrarem na zona do Estoril, começara a vislumbrar as casas, de frente para o mar, dignas de uma telenovela. A brisa matinal misturava-se com os odores marítimos transportando-a momentaneamente para um universo paralelo onde os contos de fadas ganhavam vida. Até passara por uma casa assombrada, conforme relatavam os boatos da gente local. Mas foi quando entrou na propriedade do patrão de Aurora, que ficou deslumbrada. Depois de passar por uns enormes portões automáticos, Angelina vislumbrou boquiaberta, os jardins privativos, detalhadamente esculpidos. O táxi parou em frente de uma casa tirada certamente de um catálogo. Enorme, moderna, em tons de cinza. Saiu do táxi e viu a relva cuidadosamente aparada e paralela ao caminho de pedra. Nem sequer imaginava que pudesse existir outra tonalidade de verde. Em vários recantos, a cor saltava, viva, através das flores de vários tipos e formas, tanto magníficas como delicadas. Estava encantada, simplesmente deslumbrada. No entanto a sua atenção foi direcionada para uma presença masculina que surgiu na porta principal. Ele era alto, àquela distância o cabelo parecia-lhe tão negro como o azeviche e exibia um fato preto por cima de uma camisa branca, imaculada como a neve no pico do Everest. Sem qualquer explicação plausível, o seu corpo estremeceu quando começaram a aproximar-se. Faltavam poucos metros quando as suas pernas se recusaram a prosseguir.

— O que foi? – perguntou-lhe Aurora constatando a sua hesitação.

— Afinal, não sei se isto será mesmo uma boa ideia! – conseguiu articular, desviando os olhos do homem que as olhava fixamente.

— Não seas parva, anda! – Aurora, agarrou na mão de Constança que observava tudo calada mas com muito interesse, e deu um pequeno impulso com as mãos nas costas de Angelina, para a obrigar a andar. — Tenta não olhar muito fixamente para a sua cara – ainda lhe murmurou, mas antes que Angelina pudesse averiguar o significado daquele conselho, já estavam, frente a frente com o homem.

— Bom dia! - ouviu-o dizer. A sua voz era grave e profunda.

—Bom dia! – respondeu num fio de voz, quando percebeu finalmente o que Aurora quis dizer. Rapidamente desviou o olhar com receio de inconscientemente fixar-se na enorme cicatriz que lhe percorria uma das faces.

— Como combinado, doutor Teles, aqui está a amiga de que lhe falei.

Sem o conseguir evitar mais, e principalmente por ser uma falta de educação, Angelina voltou a encara-lo mas obrigou-se a olhá-lo nos olhos, fingindo que não via a linha escura e irregular que ia desde o início da maçã do rosto ao lábio superior. Mas mais uma vez arrependeu-se. Os olhos eram de um azul tão profundo, translucido e penetrante que teve a sensação que conseguiam ler a alma a qualquer um, e que naquele momento estavam a tentar ler a dela, deixando-a de repente sem defesas. Nem sabia que poderia haver aquela tonalidade de azul nos olhos de um homem. Uns fios de prata saltavam da negridão da sua densa cabeleira e a pele era tão morena que fazia com que todas as outras características ficassem ainda mais evidenciadas, conferindo-lhe um ar quase sobrenatural. Percebeu o assombro com que a observou de cima abaixo e sentiu-se ainda mais vulnerável. Sabia que a sua vestimenta não era digna daquele lugar, tentou colocar as melhores calças de ganga e a melhor camisola de malha que tinha. Para um mês de março, ainda estava frio e não quis arriscar a tremer o queixo em frente de quem quer que fosse se trouxesse a camisola de algodão que pensara vestir desde o início. Ainda assim, pensou que não havia motivo para vê-la como um extraterrestre. Observou quando o seu olhar se dirigiu de seguida para Constança e inconscientemente recompôs-se do inicial assombro e apertou-a contra si, como se aqueles olhos a pudessem fulminar.

— Vamos entrar! – a ordem saiu de forma a não deixar margem para discussão.

Conrado não sabia como tinha conseguido arrancar os pés do chão. Assim que aquela mulher lhe surgira à frente a Terra parara de girar. Sentiu-se ficar sem ar, como se tivesse levado uma bolada no estomago. Nunca, em trinta e oito anos sentira algo tão... tão... ridiculamente despropositado. Tentou ignorar a turbulência incompreensivelmente repentina que surgira dentro de si e encaminhou-as para dentro de casa.

Como que encantadas por um feitiço seguiram-no. Ao passar pelas portas principais, Angelina analisou cada pormenor à sua volta. Assim como o exterior, o interior da casa era de tirar o folego. A avaliar pelo hall de entrada, se todas as divisões fossem assim tão grandes, e provavelmente seriam maiores, dava para albergar duas ou três famílias. Perguntava-se porque é que um homem sozinho necessitava de uma habitação com aquelas dimensões. Passaram por um corredor e entraram numa divisória que depreendeu ser o escritório, pela secretária de vidro que alojava um computador portátil, alguns porta canetas e pisa papeis. Numa das paredes, uma estante da mesma tonalidade dos pés da mesa, exibia um número reduzido de livros para o que pensava ser muito pouco para pessoas ricas. Mas podia ser um homem de poucas leituras! Ela gostava de ler, mas nos últimos anos não havia podido adquirir tantos livros quanto gostaria. Os tons cinza e bege davam aquela casa escrupulosamente limpa um aspeto elegante e sóbrio. Angelina denotou que era uma casa estritamente masculina. Não conhecia as outras divisões mas a avaliar pelo que vira até então, juraria que não existia qualquer influência feminina dentro daquelas paredes. Não era nenhuma psicanalista, mas aquele ambiente afirmava-lhe que era um homem de personalidade forte e que não permitia a interferência de ninguém na sua vida. Ou não tinha ninguém na sua vida que o pudesse influenciar.

De súbito, ele virou-se e estendeu-lhe a mão. Num breve impulso de instinto primordial, equacionou fugir, mas a razão obrigou-a a ceder e ficar. E o facto de a poder ver como louca, também.

— Conrado Teles. — disse em jeito de cumprimento.

— Angelina Amorim. — respondeu e aceitou o cumprimento. O toque da mão dele na sua provocou-lhe subitamente uma corrente elétrica na espinha que a assustou. Afastou-a rapidamente, tendo noção que o homem ficara confuso. Disfarçara — reparou - colocou, naturalmente, a mão no bolso, como se tivesse habituado a lidar com pessoas estranhas. Começava a sentir-se cada vez mais desconfortável.

— E esta encantadora senhorita quem é? — perguntou com um sorriso dirigindo a sua atenção para Constança.

— Chamo-me Constança.— declarou prontamente a menina, antes que alguém pudesse falar.

Algo no seu sorriso alertou Angelina. Não tinha a certeza do que era, mas estremeceu quando ele a fitou novamente com uma interrogação no olhar. Aurora também deve ter percebido porque interveio.

— A Constança é a filha da Angelina. — esclareceu a senhora.

— Um *pormenor* que se esqueceu de mencionar! - Aurora conhecia bem o padrão para perceber o tom irónico contido na sua voz.

Angelina também possuía discernimento suficiente para perceber não só porque a amiga não comentara *aquele pormenor*, como ousara referir-se à sua filha, como também o cinismo em cada palavra. Não seria o primeiro nem o último que viam Constança como um empecilho, mas nunca mais o iria permitir. Do nada tinha transformado *pequena senhorita* para insignificante. Poderiam ofender-lhe a ela mas não a sua filha!

— Desde já peço desculpa por incomoda-lo doutor Teles – começou fazendo um esforço para falar com firmeza e ignorar o tremor da sua voz — admito que foi um erro eu ter vindo aqui sabendo de antemão que não era a pessoa mais qualificada para o lugar, mas atendendo a um pedido de uma amiga muito querida ignorei esse facto. — finalmente, ali estava um motivo para se ir embora e desprender-se da energia de predador que ele exalava. Agarrou fortemente a mão da menina e preparou-se para sair — mas não incomodá-lo-ei mais. Com a sua licença...

— Perdão? – mas do que é que raios é que aquela mulher estava a falar?

— Angelina, por favor... - segurou-a Aurora, com uma súplica entre dentes.

A rapariga voltou a virar-se, cedendo ao rogo da mulher e fitou-o nos olhos.

— A minha filha não é um *pormenor*! Como acabou de mencionar numa forma tão... depreciativa! – esclareceu, conseguindo com que a voz saísse com firmeza apesar de todo o seu corpo tremer e amaldiçoou-se por isso. Viu como a observou novamente de cima a baixo como se a tivesse despi-la com os olhos. Lançou-lhe outro sorriso cínico e convidou-a a sentar-se. — Estou bem de pé, obrigado! – declarou.

— Muito bem! Peço desculpa se não me fiz entender, mas não tive nenhuma intenção de ofender ninguém, principalmente a sua filha, apenas quis referir que não fui informado da existência de uma criança. –

deu meia volta á mesa e sentou-se na cadeira por trás da secretária. — Tem a certeza de que não quer sentar-se? — perguntou novamente apontando com um gesto para a cadeira.

Angelina não conseguiu responder. Aurora puxou-a por um braço e obrigou-a a sentar-se. Em seguida sentou-se na cadeira paralela e colocou a menina no seu colo.

— Embora não seja muito conveniente trazer crianças para uma entrevista de trabalho, concordo que a tivesse de trazer por se tratar de um sábado. Deduzo com isso, que não tenha com quem a possa deixar.

— Correto. — concordou Angelina com uma certa aridez.

— Nem um pai, um companheiro... - especulou.

— Não. Sou divorciada e vivo sozinha se a informação for relevante.

— Qualquer informação tem relevância, minha cara, principalmente quando contrato pessoal.

Angelina concordou em pensamento. Se fosse ela, também gostaria de saber tudo sobre as pessoas que estavam ao seu lado. Não sabia se era pelo fato de não querer aumentar o ego daquele homem, que pela postura percebia-se que era enorme, ou se pelo medo que estava a todo o custo recalcar para o mais íntimo de si, mas ficou calada, quieta, à espera do próximo passo.

— Diga-me, — prosseguiu Conrado — porque é que pensa que não está qualificada para o lugar? E esclareça-me qual *lugar*. — irritou-o a sua presunção. Irritou-o o seu nervosismo.

Angelina, olhou nervosamente para Aurora. Qual lugar? Teria a amiga se equivocado quanto ao emprego? Não obtendo qualquer resposta no olhar da mulher, Angelina tentou encontrar coragem dentro de si para voltar a olhar para o homem e responder-lhe.

— Presumo que seja para o lugar da Aurora, foi o que ela me informou. — ainda olhou de soslaio para a amiga e viu-a a concordar com a cabeça.

Ora aí estava! Aurora praticamente lhe garantira o emprego. Era óbvio que teria de colocar alguém no seu lugar caso continuasse com a ideia maluca de se reformar antecipadamente, mas seria ele a avaliar quem seria, não ela. E se não lhe agradasse a sua amiga? Pior, desde aquele primeiro instante em que estabeleceram contato visual e que praticamente

ficara sem ar e o coração disparara num frenesim sem explicação, pensou por segundos, inexplicavelmente, se fosse ele a não lhe agradar? A avaliar pelo nervosismo da mulher que tinha na sua frente, podia depreender que o rosto dele estava a ter uma grande influência nesse comportamento e mais uma vez por qualquer razão que fugia à sua compreensão, ter consciência desse facto estava a irrita-lo excessivamente. O problema é que gostava demasiado da senhora para reprende-la mais uma vez pela sua ousadia.

— Bom, vamos então deixar-nos de rodeios e esclarecer a situação. De fato a Aurora, abordou-me hoje de manhã, sugerindo que uma amiga ficasse com o seu emprego visto que aparentemente eu não tenho outro cargo para oferecer. Segundo me disse está a pensar reformar-se, todavia, vou ser sincero consigo. Não me agrada.

Disse-o de uma forma tão seca e direta, que Angelina se sentiu transportada para um buraco negro. Mas o que é que ela ainda estava a fazer, ali?

— Doutor Teles! – repreendeu-o Aurora.

Ele ignorou-a e continuou a observar Angelina

— No entanto, – continuou, alimentando a irritação que o consumia por ela se sentir intimidada pelo seu aspeto — não posso impedir que o faça. Está no seu pleno e total direito de querer passar o resto da sua vida, que espero que ainda seja longa, descansada. Devo admitir, que apenas concordei com esta entrevista, dada a insistência da minha funcionária e o meu objetivo principal era simplesmente estudar o seu perfil para poder avaliar se está ou não apta para o lugar ou no mínimo encontrar algo que pudesse fazer, sem deixar de prescindir totalmente dos serviços de Aurora...

— Doutor Teles, tem de ser tão... direto?! – para não dizer desagradável, pensou Aurora ao repreende-lo.

Desta vez olhou para a senhora e o seu olhar foi mais duro que as suas palavras.

— A Aurora pediu-me emprego para a sua amiga e eu concordei com esta entrevista, mas não dei qualquer garantia, pois não?! Sabe perfeitamente que não me agradou a ideia, mas visto que não posso impedi-la de fazer o que quer que seja, tenho de avaliar quem coloco no

seu lugar. Poderá ser ou não a sua amiga! Eu apenas uso da sinceridade que exijo receber dos meus funcionários. Se a sua amiga, não conseguir lidar com esse facto, então não, não está apta para este ou outro lugar. Agora se me dá licença, gostaria de prosseguir com a entrevista sem interrupções.

— O senhor está zangado com a minha mãe? – falou, finalmente a menina, que apesar estar distraída com a boneca que levava, estava a atenta a cada palavra, a cada tom. Angelina quis desaparecer, mas Aurora conseguiu amenizar a situação.

— Não querida. É a forma de falar deste senhor. Cada pessoa fala de uma forma diferente, já te explicámos isso.

— Então não vai bater na minha mãe como o meu pai fez?

Se houvesse um buraco, onde se enfiar, por mais pequeno que fosse, Angelina tinha a certeza que se exprimia até o seu cérebro lhe saltar pelos olhos para caber nele. Não conseguia ver o seu rosto, mas da forma que sentia as faces a arder estava convicta que estavam tão vermelhas quanto o sangue, se é que ainda tinha algum nas veias.

— Olha querida, porque é que não vamos brincar lá para fora, enquanto a mamã fala com este senhor? – sugeriu Aurora, não encontrando outra solução que pudesse salvar Angelina naquele momento – Que era o que devíamos ter feito logo desde o início. – resmungou entre dentes.

— Ele não vai fazer mal à mamã, pois não? – perguntou Constança à medida que era levada por Aurora.

— Não querida, não vai. – o tom complacente da senhora conseguiu travar mais especulações por parte da menina, no entanto não travou a sua curiosidade.

— O que é que o senhor tem na cara?

Ainda se conseguiu ouvir a meio do corredor.

Angelina ponderou levantar-se, agradecer a oportunidade da entrevista e a atenção despendida e desaparecer dali sem olhar para trás e sem nunca mais voltar, mas estava de tal forma petrificada, que a própria gravidade conspirava contra ela, impedindo-a de se levantar da cadeira. O que é que diria agora, depois de se ter ofendido por ter pensado que se havia referido á sua filha como um simples *pormenor*, de uma forma